



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE– UFS
CAMPUS LARANJEIRAS– CAMPUSLAR
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA- DARQ
ARQUEOLOGIA BACHAREL

CHRISTIAN SANTOS ROCHA

ARQUEOLOGIA URBANA NO NORDESTE: REVISÃO

BIBLIOGRÁFICA

LARANJEIRAS–SE

2018/1

CHRISTIAN SANTOS ROCHA

ARQUEOLOGIA URBANA NO NORDESTE: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Arqueologia do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Arqueologia.

Orientação Administrativa: Profª. Dra. Olívia A. de Carvalho.

LARANJEIRAS-SE

2018/1

SANTOS ROCHA, CHRISTIAN

Arqueologia Urbana no Nordeste: Revisão Bibliográfica. Christian Santos Rocha – Laranjeiras: 2017.

70 f.; il.

Monografia apresentada ao curso de bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe do Departamento de Arqueologia para obtenção do grau de bacharelado do curso de Arqueologia.

Orientação Administrativa: Olívia A de Carvalho

1. Arqueologia. 2. Arqueologia Histórica. 3. Arqueologia Urbana

I. Arqueologia Urbana no Nordeste: Revisão Bibliográfica. II. Carvalho, Olívia

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dra.

Universidade Federal de Sergipe – UFS

Prof. Dra.

Universidade Federal de Sergipe – UFS

Prof. Dra.

Universidade Federal de Sergipe – UFS

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pois tudo posso naquele que me fortalece e sem fé nada disso seria possível, agradeço a meus pais por sempre confiar em mim, me dar apoio sempre que precisei me incentivaram e continuam me incentivando.

Agradeço a todos os meus familiares e amigos por me darem palavras de incentivo, apoio e fé quando mais precisei enfrentando vários obstáculos ao longo da vida.

Agradeço aos meus colegas e amigos que fiz ao longo do curso: Alan, Adriano, Grace e Mirailton que sempre me acompanharam e sei que posso contar com eles e a três amigas queridas: Dona Ana, Dona Cida e Raimunda.

Agradeço ao orientador (a), professores (as), a direção, toda equipe da UFS de Laranjeiras e um agradecimento especial a Carlos.

Um agradecimento em especial vai ao SR. Pascual que me transportou ao decorrer do curso.

Não podendo esquecer essas estrelas que fizeram parte da minha vida: vovó Maria, tia Nalva e tia Ana (todas in memoriam), minha vó Ligia e uma amiga de infância muito especial que também virou uma estrela: Thaís Costa.

RESUMO

Neste trabalho, exponho a definição de Arqueologia, Arqueologia Histórica e Arqueologia urbana numa visão geral fazendo um levantamento bibliográfico sobre a Arqueologia Urbana focando o Nordeste e comparando a Arqueologia Urbana no Brasil, com metodologia simples e direta colocando o Nordeste como tema central do contexto. Apresentando detalhes e definições na visão de arqueólogos conceituados e seus projetos e como a Arqueologia Urbana se desenvolveu e ganhou notoriedade no Nordeste com o apoio de órgãos como o IPHAN e muitos outros, contribuindo para estudos e pesquisas sobre a urbanização do Nordeste, de uma maneira que fica evidente a importância destes trabalhos para o desenvolvimento da ciência da Arqueologia e mostrando que o Nordeste é rico em diversidade de culturas, desde o aparecimento como fonte de estudos que contribui até hoje com a construção da história da Arqueologia Urbana e da sociedade em geral. Como base de estudos, pesquisei cada estado da região Nordeste Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia, Arqueologia Histórica, Arqueologia Urbana.

ABSTRACT

In this job, I explain the definition of Archeology, Historical Archeology and Urban Archeology in an overview by doing a bibliographical survey on Urban Archeology focusing on the Northeast and comparing Urban Archeology in Brazil, with simple and direct methodology placing the Northeast as the central theme of the context. Presenting details and definitions in the view of renowned archaeologists and their projects and how Urban Archeology developed and gained notoriety in the Northeast with the support of bodies such as the IPHAN and many others, contributing to studies and research on the urbanization of the Northeast, in a way that it is evident the importance of these works for the development of the science of Archeology and showing that the Northeast is rich in diversity of cultures, from the appearance as source of studies that contributes until today with the construction of the history of Urban Archeology and of the society in general. As a base of studies, I researched each state in the Northeast region of Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte and Sergipe.

KEYWORDS: Archeology, Historical Archeology and Urban Archeology.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mapa destacando a área de Penedo no século XVII, de “Brasília qua parte paret Belgis” (1645), por George Marcgraf, publicado em Barlaeus (1647).

FIGURA 2 – Trincheira Norte ao chegar a campo.

FIGURA 3 – Trincheira Externa Sul com exposição do afloramento rochoso.

FIGURA 4 – Orientação das unidades escavadas no salão da Casa de Aposentadoria. A porta indicada se localiza na quadra A3.

FIGURAS 5– Sondagem Oeste.

FIGURAS 6 – Sondagem Oeste.

FIGURA 7 – Conjunto de imagens da Casa de Aposentadoria desde 1889.

FIGURA 8 – Localização aproximada da S1 e S2.

FIGURA 9 – Tabela mostrando a quantidade de cachimbos por nível.

FIGURA 10 – Tabela mostrando a quantidade de faiança e louça por nível.

FIGURA 11 – Área da atual localização da Praça Barão do Penedo. Na imagem inferior, fica aparente que as estruturas evidenciadas ao lado da Casa de Aposentadoria poderão ser vestígios de diversas construções desde o século XVII. Fonte: Imagem modificada de “Castrum Mauritiij” de Barlaeus (1647), Biblioteca Nacional Digital – Brasil.

FIGURA 12 – Portão de entrada do Cemitério da Piedade. Nota: foto de Fabiana Comerlato, 26/08/2009.

FIGURA 13 – Túmulo de Aristides Milton Mascarenhas, de autoria de Paulo Herold, construído pela Santa Casa de Misericórdia. Nota: foto de Fabiana Comerlato, 26/08/2009.

FIGURA 14 – Ritos fúnebres em sepultura de falecido praticante de candomblé. Nota: Fabiana Comerlato, 02/11/2013.

FIGURA 15 – Sepultura de um ogan, filho de Abaluaê. Nota: Fabiana Comerlato, 23/03/2013.

FIGURA 16 – Portada de acesso do Cemitério dos Alemães em 1975. Nota: acervo pessoal de Mônica Schramm.

FIGURA 17 – Portada de acesso do Cemitério dos Alemães em 2011. Nota: foto de Fabiana Comerlato, 24/09/2010.

FIGURA 18 – Cemitério do Carmo. Foto: Pinheiro, 1942. Fonte: Arquivo Central do IPHAN - Seção Rio de Janeiro.

FIGURA 19 – Cemitério do Carmo na atualidade. Nota: foto de Fabiana Comerlato, 24/09/2010.

FIGURA 20 – Vista parcial do Cemitério dos Nagôs. Nota: foto de Fabiana Comerlato, 24/09/2010.

Figura 21 – Parte superior da escultura alegórica da fé. Nota: foto de Menderson Correia Bulcão, 01/11/2010.

FIGURA 22 – Vistas da Rua São Geraldo. Espaço que guarda relações estreitas com a área tombada. Fonte: Arquivo Clewton Nascimento.

FIGURA 23 – Os casarões tombados da av. Iliido Sampaio, e as áreas adjacentes. Fonte: Arquivo Clewton Nascimento.

FIGURAS 24 – Igreja matriz Nossa Senhora da Expectação, a partir dos preceitos da Carta de Veneza, de 1964. Fonte: IPHAN.

FIGURAS 25 – Igreja matriz Nossa Senhora da Expectação, a partir dos preceitos da Carta de Veneza, de 1964. Fonte: IPHAN.

FIGURA 26 – Rua Sete de Setembro em 1993 e Rua Sete de Setembro em 2001. O detalhe mostra a reforma da edificação segundo orientação do IPHAN. FONTE: Arquivo Clewton Nascimento.

FIGURA 27 – Indicação de prédio em ruínas na Rua Ilídio Sampaio e posterior “restauro” para abrigar a Câmara dos Vereadores da Cidade de Icó. (Fotos retiradas respectivamente na década de 80 e 2000). FONTE: Clewton Nascimento.

FIGURAS 28 – Proposta para valorização do Largo do Theberge. Na paginação do piso, um apelo à revalorização dos edifícios tradicionais. FONTE: Nelson & Campelo Arquitetos Associados.

FIGURAS 29 – Proposta para valorização do Largo do Theberge. Na paginação do piso, um apelo à revalorização dos edifícios tradicionais. FONTE: Nelson & Campelo Arquitetos Associados.

FIGURA 30 – Largo do Theberge, a partir da torre da igreja Matriz. O desenho do piso só se torna compreensível, a partir de uma perspectiva a “vão de pássaro”. Fotomontagem: Clewton Nascimento/Liliane Vieira/Emanuel Ramos (Agosto/2004).

FIGURA 31 – Largo do Theberge visto a partir do Teatro da Ribeira dos Icos. Carência de áreas sombreadas. Privilégio à visibilidade dos monumentos? Fotomontagem: Clewton Nascimento/Liliane Vieira/Emanuel Ramos (Agosto/2004).

FIGURA 32 – Planta cadastral da cidade de Alcântara, em 1970, arquivo de Pedro Alcântara.

FIGURA 33 – Planta digital da cidade de Alcântara, em GPS, 2000 acervo da prefeitura municipal.

FIGURA 34 – Mapa localizando a igreja, o porto, a casa de pólvora e o convento, em João Pessoa na Paraíba.

FIGURA 35 – Planta baixa dos alicerces da Capela de São Frei Pedro Gonçalves.

FIGURA 36 – Foto tirada da escavação arqueológica da antiga igreja São Frei Pedro Gonçalves.

FIGURA 37 – Enterramentos, evidenciados na área externa à estrutura da capela.

FIGURA 38 – Ossos humanos encontrados na estrutura da parede da capela, e apoiados sobre os degraus da velha igreja.

FIGURA 39 – Rebocos com pigmentos policrômicos encontrados na escavação junto ao arco cruzeiro.

FIGURA 40 – Louças e faianças encontradas na escavação.

FIGURA 41 – Moedas encontradas na escavação.

FIGURA 42 – Cerâmicas, grés e vidros encontrados na escavação.

FIGURA 43 – Área da escavação do bairro do Recife. Fonte: Montagem de Tereza Simis.

FIGURA 44 – Estratigrafia. Fonte PPARQ-UFPE (Foto: Montagem de Tereza Simis).

FIGURA 45 – Rua da Madre de Deus – quarteirão holandês. Fonte PPARq-UFPE (Foto: Ricardo Abreu).

FIGURA 46 – Estrutura do bairro holandês. Fonte PPARq-UFPE (Foto: Vera Menelau).

FIGURA 47 – Arranjo da rocha de arenito, restos de materiais e tojo holandês. . Fonte PPARq-UFPE (Foto: Vera Menelau).

FIGURA 48 – Estruturas de contenção de águas para aterro. Materiais mistos (rochas diversas, restos de telhas, tijolos e calça). Fonte PPARq-UFPE (Foto: Tereza Simis).

FIGURA 49 – Estruturas de contenção de águas para aterro. Tijolos maciços e calça. Fonte PPArq-UFPE (Foto: Tereza Simis).

FIGURA 50 – Mapa de sobreposição das casas de Matos com a situação atual. Fonte: José Luiz Mota Menezes.

FIGURA 51 – Estruturas encontradas na Rua da Moeda. . Fonte PPArq-UFPE (Foto: Vera Menelau).

FIGURA 52 – Poços encontrados na Rua da Moeda. Fonte PPArq-UFPE (Foto:Tereza Simis).

FIGURA 53 – Poços encontrados na Rua da Moeda. Fonte PPArq-UFPE (Foto:Tereza Simis).

FIGURA 54 – Poços encontrados na Rua da Moeda. Fonte PPArq-UFPE (Foto:Tereza Simis).

FIGURA 55 – Toras de madeira. Fonte PPArq -UFPE (Foto: Tereza Simis).

FIGURA 56 – Estaquiamento da construção. Fonte PPARQ-UFPE (Foto: Tereza Simis).

FIGURA 57 – Localização das Praças em Teresina, Piauí. Fonte: Google Maps, 2013 (com legendas adaptadas).

FIGURA 58 – Fachada da Casa da Cultura. Fonte: Rosângela Barros, 2011.

FIGURA 59 – Fachada do Museu do Piauí. Fonte: Fabrícia Santos, 2011.

FIGURA 60 – Exemplo de movimento na Praça da Bandeira. Apresentação de artista mambembe. Fonte: Fabrícia Santos, 2010.

FIGURA 61 – Imagem de aspectos da Praça Saraiva no meio da manhã. Fonte: Fabrícia Santos, 2011.

FIGURA 62 – Aula na Praça da Bandeira. Fonte: Fabrícia Santos, 2010.

FIGURA 63 – Observação da Casa da Cultura a partir da Praça Saraiva. Fonte: Fabrícia Santos, 2011.

FIGURA 64 – Centro Histórico de Natal. In: MELO; SILVA FILHO, 2007, p. 38.

FIGURA 65 – Mapa em Corel Draw X5 dos logradouros pesquisados em São Cristovão, Sergipe. Fonte: Diogo Costa, 2011.

FIGURA 66 – Concentração e distribuição de louças. Fonte: Diogo Costa, 2011.

FIGURA 67 – Concentração e distribuição de vidros. Fonte: Diogo Costa, 2011.

FIGURA 68 – Concentração e distribuição de cerâmicas. Fonte: Diogo Costa, 2011.

FIGURA 69 – Concentração e distribuição de metais. Fonte: Diogo Costa, 2011.

FIGURA 70 – Concentração e distribuição de ossos. Fonte: Diogo Costa, 2011.

FIGURA 71 – Vista do Passeio Público em 1929, já com a edificação do Theatro Cassino e afastado da beira-mar. Fonte: Ermakroff (2003).

FIGURA 72 – Panoramas do jardim do Passeio Público.

FIGURA 73 – Panoramas do jardim do Passeio Público.

FIGURA 74 – Escavação do jardim, potencial arqueológico do sítio.

FIGURA 75 – Antes da reforma de Glaziou. Fonte: Klumb (1860).

FIGURA 76 – Conjunto da Fonte dos Amores, durante as escavações. Fonte: IPHAN (2004).

FIGURA 77 – Vestígios do Aquário. Fonte: IPHAN (2004).

FIGURA78 – Trabalho de escavação na área da Casa do Botânico.

FIGURA79 – Durante trabalhos de escavação do Lago Frontal que constava em planta e foto de 1862. Fonte: IPHAN (2004).

FIGURA80 – Vestígios da bacia do Lago Frontal: Fonte: IPHAN (2004).

FIGURA 81 – Agenciamento e proteção dos Vestígios do conjunto da Fonte dos Amores. Fonte: IPHAN (2004).

FIGURA 82 – Marcação da parte encontrada do Theatro-Cassino. Fonte: IPHAN (2004).

Figura 83 – Vestígios arqueológicos na região da grande São Paulo (1885-2012).
Fonte: Google Earth, 2012.

LISTA DE ABREVIACÕES

| | |
|-----------|---|
| CLA | Centro de Lançamento de Foguetes |
| DNOCS | Departamento Nacional de Órgãos Contra a Seca |
| FAPESB | Fundação de Apoio e Pesquisa e Extensão do Estado de Sergipe |
| FNPM | Fundação Nacional Pró-Memória |
| IBGE | Instituto Brasileiro Geográfico do Estado de Sergipe |
| IFRN | Instituto Federal do Rio Grande do Norte |
| IPHAN | Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional |
| LAU/MN | Laboratório de Arqueologia Urbana do Museu Nacional do Rio de Janeiro |
| NAR | Núcleo de Arqueologia |
| PAC | Patrimônio das Cidades Históricas |
| PROURB | Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano |
| PRONAPA | Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas |
| SPHAN | Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional |
| SAB | Sociedade de Arqueologia Brasileira |
| UEMA | Universidade Estadual do Maranhão |
| UFS | Universidade Federal de Sergipe |
| UFBA | Universidade Federal de Bahia |
| ZEPH – 09 | Zona Espacial do Patrimônio Histórico - Cultural 09 |

SUMÁRIO

| | | |
|---|-----------------|----|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 17 |
|---|-----------------|----|

| | | |
|---|--|----|
| 2 | CAPÍTULO 1 – SOBRE TEORIA..... | 18 |
| | 2.1 O QUE É ARQUEOLOGIA?..... | 18 |
| | 2.2 O QUE É ARQUEOLOGIA HISTÓRICA?..... | 19 |
| | 2.3 O QUE É ARQUEOLOGIA URBANA?..... | 24 |
| 3 | CAPÍTULO 2 – ESTUDOS DE CASO NO NORDESTE..... | 27 |
| | ALAGOAS – Arqueologia da Casa de Aposentadoria, Penedo, Alagoas..... | 27 |
| | 3.2 BAHIA – O patrimônio cemiterial do município de Cachoeira, Recôncavo da Bahia..... | 35 |
| | 3.3 CEARÁ – Intervenções Preservacionistas em Icó, Ceará – Redenção do Sertão?..... | 39 |
| | 3.4 MARANHÃO – De Tapuitapera a Villa D’Alcântara Estudo sobre a formação da cidade de Alcântara no Maranhão..... | 44 |
| | 3.5 PARAÍBA – Intervenção Arqueológica na igreja São Frei Pedro Gonçalves em João Pessoa – PB..... | 47 |
| | 3.6 PERNAMBUCO – As Técnicas Construtivas e a Expansão do Bairro do Recife Antigo nos séculos XVI a XIX..... | 55 |
| | 3.7 PIAUÍ – Da Sala à Cidade: Aulas de Arqueologia Histórica no Centro de Teresina..... | 64 |
| | 3.8 Rio Grande do Norte- Memória e Patrimônio: Um Estudo do Centro Histórico de Natal..... | 69 |
| | 3.9 SERGIPE – Um Estudo de Arqueologia Urbana em São Cristóvão – SE..... | 70 |
| 4 | CAPÍTULO 3 – Discussão da Arqueologia Urbana Regional – São Paulo e Rio de Janeiro..... | 78 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 88 |
| | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 90 |

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa apresentar um panorama sobre a Arqueologia Urbana na região Nordeste do Brasil, na última década e meia. Para realizar isso, propusemos um objetivo geral - levantamento bibliográfico a respeito da Arqueologia Urbana no Brasil e um objetivo específico – um levantamento bibliográfico a respeito da Arqueologia Urbana na região Nordeste.

A metodologia utilizada neste trabalho é simples e direta: leitura e discussão da bibliografia produzida pela Arqueologia Urbana brasileira, dedicando uma especial atenção aos estudos de casos que focam no Nordeste. O levantamento bibliográfico não foi exaustivo, uma vez que não se tem a pretensão, aqui, de fazer-se uma listagem de tudo aquilo que foi produzido em termos da Arqueologia Urbana no Nordeste. Muito mais do que quantidade, procura-se apresentar um panorama espacialmente abrangente, o qual abarca todos os estados da região em foco detalhado.

Este trabalho se divide em três capítulos, o primeiro capítulo trago definições de Arqueologia, Arqueologia Histórica e Arqueologia Urbana proposta por alguns autores, bem como suas trajetórias nesse campo de conhecimento no Brasil. O segundo capítulo consiste em estudos de caso no Nordeste e o terceiro capítulo fará uma discussão da Arqueologia Urbana Regional – São Paulo e Rio de Janeiro.

2 CAPÍTULO 1 – SOBRE TEORIA

2.1 O QUE É ARQUEOLOGIA?

Uma definição bastante simples para o público leigo é dada pelo Dicionário Aurélio: “Arqueologia – ciência que estuda a vida e a cultura dos povos antigos, por meio de escavações ou através de documentos, monumentos, objetos e etc., por eles deixados” (AURÉLIO, 2001).

Mais uma definição do que é Arqueologia é proposta por Najjar (2005), incrementando a assertiva modesta colocada acima “A Arqueologia é, portanto, o estudo das sociedades passadas em seus diversos aspectos, com base nos restos materiais por elas deixados, ou seja, estuda o homem partindo de sua cultura material” (NAJJAR, 2005, p.13).

Já a definição do que é Arqueologia é proposta por Charles E. Orser Jr. (1992) avança mais, desenvolvendo o conceito para quase não leigos (estudantes, principalmente): “A Arqueologia estuda, justamente, a cultura iletrada, ou melhor, os aspectos da cultura que não são escritos, os objetos, as coisas, o mundo material usado e transformado pelo homem” (ORSER, 1992, p. 7).

“A definição do que é Arqueologia proposta por Funari” (2010) ainda vai mais além, colocando como a Arqueologia era entendida até os anos 60 e como ela passou a ser considerada depois:

Até meados da década de 1960, o pensamento dominante considerava que a Arqueologia tinha como propósito a simples coleção, descrição, e classificação de objetos antigos. Embora essa perspectiva de *factfinding* (busca de fatos) tenha recuado significativamente nos últimos anos, persiste ainda entre muitos pesquisadores a idéia de que os arqueólogos retiram objetos e tratam dados e informações brutas, que serão posteriormente processadas e interpretadas por outras ciências, como a História e a Pré-História (FUNARI, 2010, p. 15).

A renovação dos estudos arqueológicos veio, no entanto, fortalecer a corrente daqueles para quem a Arqueologia é o estudo da cultura material que busca compreender as relações sociais e as transformações na sociedade. Não pouca importância exerceu, nessa mudança perspectiva, o movimento conhecido como a *New Archaeology* (Nova Arqueologia) que, surgindo entre os arqueólogos de língua inglesa há algumas décadas influenciou as mais diversas correntes arqueológicas (FUNARI, 2010, p. 15).

A partir de então, após a década de 60, essa postura deriva de uma visão tradicional segundo a qual Arqueologia em si é simplesmente uma técnica (essencialmente a mera abertura de buracos no solo ou abaixar-se para recolher objetos) que pode ser empregada em benefício da Antropologia, da

História ou do simples divertimento (como defendeu o Arqueólogo americano Spaulding) (FUNARI, 2010, p. 16).

No caso da Arqueologia vista como uma mera técnica, pois não se trataria apenas da necessidade de cientistas que pensem pelos arqueólogos, mas de uma incapacidade original da própria Arqueologia. Essa concepção subordinada, “servil”, da Arqueologia tem sido como já foi dito, questionada mediante uma aproximação de seus objetivos aos das outras ciências humanas, ou seja, o estudo das sociedades humanas em seu funcionamento e transformações. A apresentação e formulação de princípios relativos a processos culturais, visando à compreensão do comportamento humano em geral, tornou-se, em particular os estudos da *New Archaeology*, uma proposta arqueólogo-antropológico que se opunha à mera tentativa de recuperação de resquícios do passado (FUNARI, 2010, p. 16-17).

Tendo em conta do que foi apresentado acima, formulo a definição do que entendo como Arqueologia. “De forma simples e direta, em minha opinião a Arqueologia é uma ciência que estuda a sociedade através da cultura material”.

2.2 O QUE É ARQUEOLOGIA HISTÓRICA?

A Arqueologia Histórica analisa as transformações sociais recentes e suas consequências para a formação de um registro arqueológico que explane essas alterações, perceptíveis de um ponto de vista de um materialismo histórico e também de um prisma que evidencie mudanças ideacionais que dos diversos grupos que formam a sociedade brasileira. A Arqueologia Histórica permite contribuir com a elaboração de explicações que dêem conta das mudanças na paisagem brasileira e que, sobretudo, versem sobre estas alterações realizadas por diversos que compõe a matriz multicultural nacional (SALADINO; PEREIRA, 2016).

A Arqueologia Histórica na visão de Hawkes (1951) tem a seguinte definição: “A Arqueologia Histórica como o estudo das sociedades com escrita incorpora, assim, tanto a disciplina homônima norte-americana, como as diversas disciplinas que lidam com sociedades com escrita” (HAWKES, 1951).

Definição mais elaborada sobre a Arqueologia Histórica é proposta por Charles E. Orser Jr. (1992): “Arqueologia Histórica é o estudo arqueológico dos aspectos materiais, em termos históricos, culturais e sociais concretos dos efeitos do mercantilismo e do capitalismo que foi trazido da Europa em fins do século XV e continua em ação até hoje” (ORSER, 1992, p. 23). Outra definição de Arqueologia Histórica é proposta por Rosana Najjar (2005):

A Arqueologia Histórica como base da palavra se resumia basicamente nos povos, mas somente de onde vinham e como chegaram a determinados locais, com o objetivo de mapear os povos e seus

movimentos pelo território e se havia filiações ou até somente ligações entre eles, ou seja, estudava a evolução das culturas (NAJJAR, 2005, p. 12-13).

O arqueólogo trabalha a partir de perguntas que ele pode responder, essas questões podem estar relacionadas à alimentação, ao espaço, a arte, a rituais, em fim, a qualquer aspecto do grupo humano a ser estudado, eleito pelo pesquisador. Esses aspectos encontram-se representados na cultura material – desde um fragmento de louça até um jardim ou igreja – sob a forma de códigos, e cabe ao arqueólogo a tarefa de decifrá-los. (NAJJAR, 2005, p.13).

A Arqueologia Histórica não é um ramo auxiliar da história nem uma técnica: é uma ciência e dispõe de procedimentos teórico-metodológicos próprios, portanto, é uma disciplina científica (NAJJAR, 2005 p.13).

A Arqueologia Histórica é um ramo da Arqueologia que estuda as sociedades letradas através da cultura material. Embora sejam questionáveis quantas pessoas dominavam a leitura e a escrita no Brasil de 1600, por exemplo, é inegável que a introdução dessa capacidade de registro em Terras Lusitanas modificou paulatinamente as relações sociais estabelecidas entre europeus, indígenas e africanos, mesmo que a escrita, a princípio, tenha ficado circunscrita a uma cúpula inteligente e de bons homens.

Um refino do conceito de Arqueologia Histórica é possível quando abordamos questões que aprofundam o papel da escrita nesse campo do conhecimento. Para Orser; Funari (2004, p. 22) esta tem como função “[...] alterar as grandes narrativas de poder que são freqüentemente representadas nos documentos”.

[...]”Destarte, a Arqueologia Histórica analisa o registro da materialidade que os grupos deixaram associados às fontes escritas e orais, ressaltando-se que o registro escrito deve ser “lido” na pauta política em que a Arqueologia está inserida (ORSER; FUNARI, 2004, p. 22).

Apesar de ser muito importante colocar uma definição de Arqueologia Histórica, desde o início de uma pesquisa, acredito ser de igual importância discorrer sobre a evolução dessa disciplina no Brasil, fato que fundamentará as escolhas analíticas a serem apresentadas no capítulo subsequente.

De forma geral, essa história da Arqueologia Histórica possui várias vertentes de acordo com a visão dos arqueólogos que se debruçaram sobre ela.

Segundo Zanettini (2005), “há estudos de cultura material histórica já a partir do início do século XX”. Mas, é entre as décadas de 1950 e 1960 que a Arqueologia Histórica se estabelece no Brasil com o estudo das ruínas do século

XVI de vilas espanholas e missões jesuítas (PROUS, 1992), despertando assim o interesse dos pesquisadores brasileiros (NAJJAR, 2005).

Os Primeiros passos em direção a Arqueologia no Brasil, entretanto, remontam a década de 30, quando remanescentes materiais dos colonizadores europeus ou de seus descendentes e seus contatos com os nativos passaram a ser estudados pelos arqueólogos da época, os quais deram início aos trabalhos tidos como arqueológicos, já que em várias partes do Brasil se iniciaram escavações com finalidades diferentes. Com isto se descobriu vários locais que continham cemitérios, ou o que se podia dizer que seriam locais onde pessoas foram enterradas que seriam alguns, os ditos quilombolas. Infelizmente não foram registrados, só tiveram anotações e relatórios dos trabalhos desenvolvidos da época. Foram os primeiros contatos dos brasileiros com a ciência da Arqueologia (ANDRADE; LIMA, 1993).

Nas décadas seguintes - 40 e 50 - houve um aumento significativo de escavações, mas desta vez com o registro de atividades arqueológicas e sendo assim publicadas e tendo sua importância destacada, dando início assim a outros projetos seguindo as mesmas linhas de pesquisa (ANDRADE; LIMA, 1993).

Mas, a importância da Arqueologia Histórica só foi intensificada na década de 60, sendo efetivamente reconhecida como ciência de pesquisa, sendo iniciado um seguimento de pesquisa em cima de vários locais significativos para a época, como: igrejas, fortes, conventos, missões e outros que pudessem conter qualquer indício de uso por humanos que possam ter usado como moradia, local de assentamento ou até mesmo para enterrar os mortos, como em algumas igrejas que mantêm esta prática até os dias de hoje (ANDRADE; LIMA, 1993).

Após algum tempo esta ciência sofreu com o descaso e os desligamentos de órgãos que se viram diante de uma ciência contraditória levando assim a diminuição considerada da sua credibilidade, que fora deixada de lado, passando a exercer um papel mínimo e de pouca importância para a sociedade, o que levou a Arqueologia em declínio e ficando em segundo plano por um bom tempo depois da sua criação. Nas décadas seguintes foram através de muitas lutas, criaram órgãos que ajudassem os trabalhos dos arqueólogos e que trariam de volta sua credibilidade de direito (ANDRADE; LIMA, 1993).

Não é de todo improvável que o desprestígio e a dificuldade da disciplina de construir a própria imagem, em um complexo processo de auto definição. Ao final de mais de duas décadas, a iniciativa de um órgão estatal reverteria em parte este panorama. Em Outubro de 1985, com os objetivos de reunir

todos os profissionais atuantes na área em todo país, discutir conceitos, métodos, técnicas e apresentar pesquisas em andamento, o então Núcleo de Arqueologia da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Fundação Nacional Pró-Memória organizou o Seminário de Arqueologia Histórica no Paço Imperial no Rio de Janeiro (ANDRADE; LIMA, 1993).

De forma geral, foi com o apoio do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) e efeitos posteriores que a Arqueologia como um todo voltaria a ter um pouco mais de reconhecimento, dando início a uma maior troca de informações de vários ramos da Arqueologia, como também através de órgãos que se empenhavam em desenvolver, registrar e divulgar estes estudos arqueológicos, dentre eles o: Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), Fundação Nacional Pró-memória (FNPM), Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB) entre outros. Com isto aumentou-se o campo de atuação da Arqueologia no Brasil ocorrendo até a criação de subdisciplinas que só iriam vir a ajudar este campo da ciência que é a Arqueologia Histórica (ANDRADE; LIMA, 1993).

Assim foram desenvolvidos estudos e pesquisas no campo da Arqueologia Histórica, produzindo principalmente conhecimento sobre a história das edificações em diversas regiões do Brasil, vindo a representar à sociedade uma significativa e importante contribuição para o conhecimento das construções nas décadas passadas e suas finalidades de uso, possibilitando as gerações seguintes, assim, desenvolver uma visão diferente da Arqueologia Histórica. O que se viu, de forma geral, foi outra vez o destaque da Arqueologia na escrita da História, maior engajamento político em potencial, aumentando credibilidade, o que a transformou em uma importante ferramenta nas mãos dos arqueólogos. Isso deu margem para uma transformação da sociedade bem maior e permitiu cada vez mais a ampliação do campo de atuação da Arqueologia Histórica Brasileira.

Na visão de Symanski (2009), o início de atividades se deu nos anos 60 com pesquisadores de instituições públicas e privadas, com destaque à atuação do já mencionado Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA).

Com isto se intensificaram diversas áreas de estudos direcionados como, por exemplo: artefatos em geral, cerâmicas, tradições culturais, objetos domésticos entre outros. A maior quantidade de estudos se voltou à cerâmica que se tornou alvo de diferentes e abrangentes análises, mas também houve uma gama de estudos focados nos processos de aculturação (SYMANSKI, 2009).

Nos anos 1980 houve a consolidação da Arqueologia propriamente dita no Brasil com a intensificação de estudos na região sul e assim prosseguindo até se difundir por todo o Brasil, explorando registros da dinâmica social de diferentes sociedades e contribuindo para o aumento do trabalho em campo (SYMANSKI, 2009).

Nota que nos anos 1980 surgiram novas perspectivas no campo da Arqueologia Histórica no Brasil, sendo o potencial da disciplina no estudo dos grupos étnicos e segmentos subalternos que não tiveram possibilidades de escrever sua própria história, em recuperar memórias sociais e reinterpretar a história oficial (SYMANSKI, 2009).

Assim as diversidades dos tipos de sítios arqueológicos só veio a crescer o que foi bom para a classe arqueológica, houve descobertas em outras regiões e várias outras áreas de estudo, porém houve tempos de rejeições relativamente significativos e processos complicados tirando um pouco o crédito da disciplina.

Naquela década o estudo dos sítios missionários foi intensificado na região Sul (Kern, 1989a/ 1989b; La Salvia, 1983; Ribeiro 1981/1985; Ribeiro et al., 1989) e iniciando na região Nordeste (SOUZA; VITOR; BARBOSA 1989). Do mesmo modo, estudos sobre sítios de contato euro-indígena prosseguiram no Nordeste 1982/1984 (SYMANSKI, 2009, p. 3).

Uma diversidade de sítios monumentais como: fortes, igreja, palácios começou a ser contemplada, principalmente em estudos que acompanhavam projetos de restauração (Albuquerque, 1980), (Albuquerque e Lucena, 1988; Andreatta, 1986; Mello e Neto, 1983; Silva, Morley, Silva, 1984). Unidades domésticas ocupadas tanto pela elite quanto por subalternos, começaram a ser estudadas no Sudeste (Andreatta, 1981; Lima et al., 1989a/1989b, Lotuffo, 1989) (SYMANSKI, 2009, p. 3).

Nos últimos 20 anos, com toda a diversificação de área de estudo, e com as diferentes temáticas adotadas isso só aumentou as possibilidades da Arqueologia, na esteira da modificação da sociedade. Pontos de destaque de Arqueologia nos anos 60/80 são elas; Arqueologia Indígena, Arqueologia Doméstica, Arqueologia Processual, Arqueologia Teórica, Arqueologia Contextual, Arqueologia Capitalista, Arqueologia Paisagística, Arqueologia Simbólica, Arqueologia Cultural, Arqueologia Escravista entre outras (SYMANSKI, 2009).

Mas o que tentamos mostrar é que a Arqueologia Histórica possui mais importância da qual lhe é atribuída, pois sua relevância e dominância têm um poder cultural, com sua documentação escrita e que fornece para os arqueólogos uma ampla fonte de informações para as diversas disciplinas.

Então qualquer que seja o rumo de estudos a ser seguido, só contribui e reforça a idéia de que a Arqueologia Histórica é uma ciência de cunho mundial, não havendo necessidade de tais separações, conflitos e divergências entre elas, pois todas têm um objetivo em comum, mostrar ao mundo como viviam os povos antepassados.

2.3 O QUE É ARQUEOLOGIA URBANA?

Uma definição bastante simples para o público leigo é dada pelo Dicionário Aurélio (2001):

Arqueologia – ciência que estuda a vida e a cultura dos povos antigos, por meio de escavações ou através de documentos, monumentos, objetos e etc., por eles deixados. Urbano - relativo à cidade ou locais com características de cidade. Arqueologia Urbana - ramo da ciência a qual se destina o estudo de cidades ou locais possivelmente habitados por seres humanos (AURÉLIO, 2001).

Segundo o arqueólogo americano Staski (1982), a Arqueologia Urbana pode ser definida como: “O estudo das relações entre cultura material, comportamento humano e cognição num assentamento urbano”(STASKI, 1982, p. 97). Uma das possíveis origens para a Arqueologia Urbana é definida por Funari; Poloni (2014): A Arqueologia Urbana é o ramo mais antigo e produtivo da disciplina, e isso se deve a própria importância das cidades (FUNARI; POLONI, 2014).

A história da ciência é sempre um objeto controverso. Existe uma longa e respeitada tradição de considerar a ciência como o acúmulo de conhecimento, de geração para geração. A ciência não é construída sobre antecessores, mas mudando princípios. Então, mais importante do que acúmulo de conhecimentos, contextos históricos, políticos e sociais são essenciais para determinar e explicar mudanças na ciência (POLONI, 2014).

A Arqueologia se tornou de um todo com uma das disciplinas importantes para os dias de hoje, pois, através dela temos acesso a conhecimentos que foram deixados pelos povos que habitaram em todos os continentes sem exceção, através da Arqueologia sabemos onde e como moravam, como se locomoviam, comiam se vestiam e sobreviviam de um modo geral, pois, estudando vestígios deixados e locais de habitat chegarão a tais conclusões, assim sem o benefício da Arqueologia isso seria quase impossível.

Ao longo do século XIX, foram criadas várias instituições de pesquisa, algumas delas foram: Segundo Funari; Poloni (2014).

Instituto de Correspondência Arqueológica de 1829 (Roma)

Departamento de Arqueologia de 1834 (Grécia)

Sociedade Arqueológica de 1837 (Atenas)

Escola Francesa de Atenas de 1846 (França)

Instituto Arqueológico de 1875 (Alemanha)

Escola Britânica de 1885 (Atenas), dentre outros.

Em Pompéia deu-se o início da Arqueologia Urbana. A cidade que coberta pelas cinzas da erupção do vulcão Vesúvio, marca assim o início de estudos arqueológicos na classificação urbana. A partir daí foram disseminados estudos arqueológicos urbanos em várias outras regiões e diferentes países, sendo catalogados achados de grande importância para o mundo que buscava cada vez mais saber da sua história e acontecimentos através da cultura material (FUNARI; POLONI, 2014, p. 3).

Contudo, existem pesquisadores que colocam que a Arqueologia Urbana não que estuda eventos ocorridos em cidades antigas abandonadas, mas sim que estuda em cidades ainda viventes (FUNARI; POLONI, 2014). Mas, ao fim e ao cabo os estudos de todas as cidades geram contribuições importantes e devem ser vistos como ciência real e consistente que deveria apresentar resultados a favor da sociedade como um todo.

Porém como em todas as áreas, a Arqueologia Urbana sofre dificuldades como: aceitação como uma ciência, confusão entre Arqueologia Urbana e a própria disciplina de Arqueologia, Arqueologia Urbana vista como preservadora de bens da elite, vista como pouco preocupada com a população, dificuldade de sua disseminação pela sociedade e interesses diferenciados que acabam confundindo e até atrapalhando o curso das ciências, mas, ainda assim as perspectivas para a Arqueologia Urbana no Brasil são vistas com bons olhos pela sociedade como um todo e os órgãos aos quais fazem parte e de maneira crescente continuará a fazer seus estudos e promover descobertas e prestando uma colaboração para pesquisadores que se dedicam a uma disciplina tão importante. A Arqueologia Urbana passa a ser cada vez mais entendida não só como a Arqueologia NA cidade,

mas também como Arqueologia DA cidade (MARTINS; RIBEIRO, 2009/2010, p. 150).

Iniciada há bastante tempo a Arqueologia Urbana teve uma mudança bastante significativa quando do seu surgimento, deixando de preocupar-se não somente em áreas desabitadas ou anônimas, também passando seus estudos para cidades e recentemente povoados expandindo assim sua área de atuação, por isso sempre que a oportunidade aparece os arqueólogos não podem deixar passar e aproveitam ao máximo este projeto. Devido a sua importância arqueológica, combinando trabalho interno no armazenamento, preservação e catalogando todo e qualquer achado que fora conseguido com o trabalho do arqueólogo que é o seu trabalho de campo (MADEIRA, “s.d.”).

Outro segmento que pegou carona na Arqueologia Urbana foi a Arqueologia da Arquitetura, assim ambas coexistem e são fontes de conhecimento para todos de um modo geral, pois analisam estratigraficamente as construções realizadas naquele solo (MADEIRA, “s.d.”).

Com o desenvolvimento urbano crescente, a Arqueologia Urbana e a Arqueologia da Arquitetura só ganharam com a união, essa unificação se deu a partir da necessidade do arqueólogo em acompanhar intervenções em áreas com edificações, sendo necessária a presença da Arqueologia Histórica para sua devida preservação, assim o trabalho do arqueólogo passou a englobar a “Arqueologia dos Edifícios” a chamada Arqueologia da Arquitetura que teve sua origem na década de 70, século XX na Itália, pois vieram às possibilidades de novos locais para estudos e novas revelações, maior divulgação, congressos, encontros, e reconhecimento da Arqueologia da Arquitetura, acelerando o ritmo do desenvolvimento urbano da atualidade nos centros históricos, fontes fundamentais para a recuperação da história (MADEIRA, “s.d.”).

A Arqueologia Urbana é um dos campos mais óbvios, pois, possibilita saber sobre o nosso passado mais próximo, espaço hoje ocupados por cidades, por estudar áreas urbanas se tornou um campo de estudos óbvios por se tratar de espaços anteriormente habitados e hoje repovoados, como desenvolvimento urbano tem sido muito importante e continuará sendo no futuro. Diversos sítios urbanos foram escavados e na maioria dos casos não é possível reconstruir o assentamento urbano como um todo. Graças a técnicas não destrutivas, tais como: prospecções de campo-superfície, estudo de mapas antigos e outros materiais iconográficos e

contextos históricos e geográficos, tem sido proposto como formas de compreender a cultura urbana em uma variedade (MADEIRA, “s.d.”).

3 CAPÍTULO 2 – ESTUDOS DE CASOS NO NORDESTE

3.1 Arqueologia da Casa de Aposentadoria de Penedo, Alagoas.

A Casa de Aposentadoria de Penedo localiza-se em Penedo, Alagoas é uma cidade histórica que foi fundada no século XVI, com as explorações das terras alagoanas por Duarte Coelho através das expedições de reconhecimento de novas terras, localizada às margens do rio São Francisco. Em 1560 Duarte Coelho fundou uma feitoria que acreditasse ter dado início à criação desta cidade, hoje conhecida pela navegação e demonstrando prosperidade desde então, tendo obras arquitetônicas de grande importância para sua criação (ALLEN et al., 2008).

Figura 1 - Mostra o mapa destacando a área de Penedo do século XVII de “*Brasilia quaparteparet Belgis*” (1645), por George Marcgraf, publicado em Barlaeus (1647).



Fonte: Barlaeus (1647:66).

Várias destas obras sobreviveram até os tempos de hoje, algumas tombadas pelo patrimônio vemos algumas: Cadeia Colonial, Casa da Câmara, Forte Maurício, Hospital Nossa Senhora da Caridade, Igreja São Gonçalo Garcia, Igreja Nossa Senhora da Corrente e o Prédio da Câmara. Muitas destas obras

fazem parte do conjunto arquitetônico, paisagístico e urbanístico do IPHAN e por conseguintes vestígios materiais que remontam a vários outros povos que ocuparam a região de Penedo na época de sua fundação e até mesmo antes dela.

Através de um programa de recuperação do patrimônio cultural urbano brasileiro executado pelo Ministério da Cultura, está sendo possível a realização de estudos arqueológicos e projetos que garantem a manutenção de nossa história e cultura, podendo, por exemplo, saber que construções que hoje abrigam órgãos e residências particulares já tiveram outras finalidades antes de suas criações. (ALLEN et al., 2008).

Mas o foco de estudos se deu na Casa da Aposentadoria, que com sua localização se acredita que ocupou o mesmo local do Forte Maurício, conhecido também com Câmara/Cadeia Colonial que construída em anexo seria usada para hospedar representantes do governo e ouvidores e continuando como Câmara/Cadeia que depois se tornaria um único prédio, após isto ela foi de novo separada e passou a servir de escola, como grupo escolar Gabino Besouro perdendo assim sua fachada e características internas.

Os estudos se subdividiram para melhor realização: etapas expostas- através de relatos e fotos, trincheira interna, trincheira norte, trincheira sul, trincheira leste e sondagem oeste. Cada etapa dos estudos denominava suas características apresentando evidências peculiares a sua localização, foram recuperados também vestígios e objetos ali enterrados que só contribuíram para o avanço dos estudos, demonstrando realmente que fora obra de várias edificações e reformas ocorridas nos séculos seguintes (ALLEN et al., 2008).

A figura 2 mostra a Trincheira Norte, que fora escavada parcialmente antes da chegada da equipe com 50 cm de largura e 7 m de extensão e decapagens de 10 cm. A figura 3 mostra a Trincheira Sul com exposição do afloramento rochoso, o lado sul foi aberto com 50 cm de largura, mas, com 15 cm de profundidade foram vistos tubos de PVC com 100 ml de espessura, tendo que ser ampliada em mais de 40 cm de largura no sentido oposto ficando com 4 m de extensão e 90 cm de largura (ALLEN et al., 2008).

Figura 2 – Trincheira Norte ao chegar em campo.



Fonte: Allen et. al., (2008).

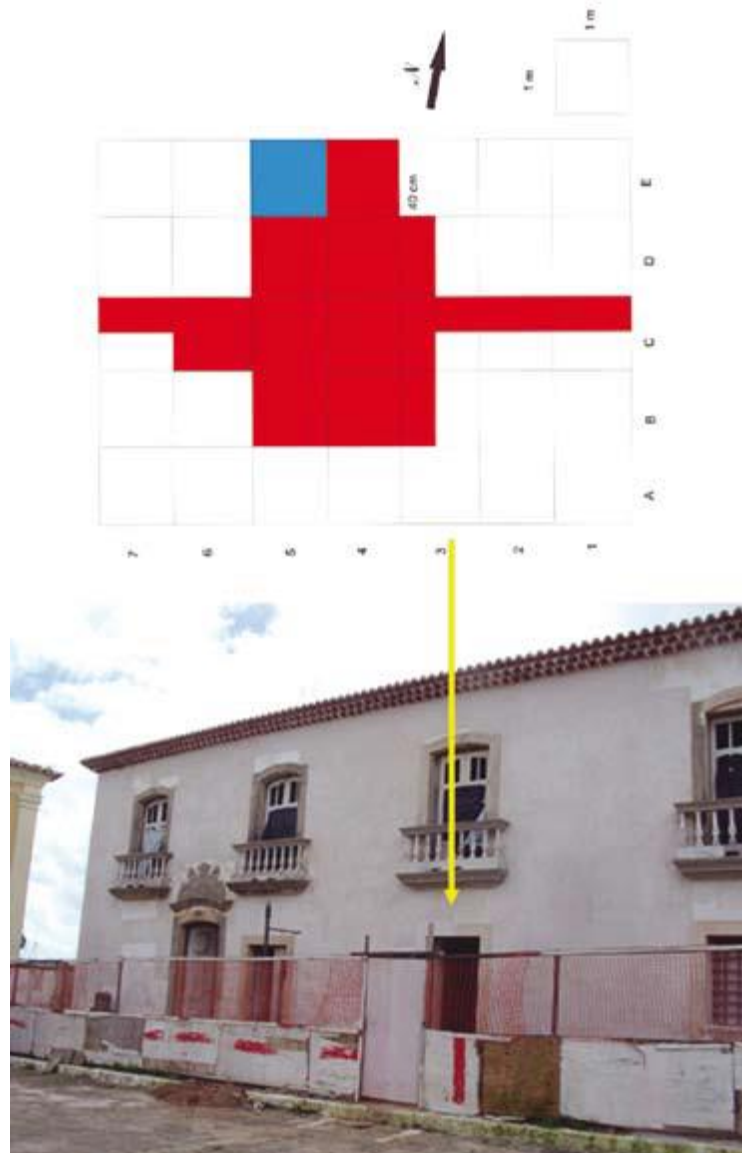
Figura 3 – Trincheira Externa Sul com exposição do afloramento rochoso.



Fonte: Allen et. al., (2008).

A figura 4 mostra a orientação das unidades escavadas no salão da Casa de Aposentadoria, houve escavações variadas no local com 80 a 150 cm de profundidade e 7 m de extensão. A figura 5 mostra que a Sondagem Oeste teve dimensões de 2,5 m de extensão por 3 m de largura chegando a 180 cm, a escavação foi cercada por um murinho de tijolos e abrigo contra a chuva (ALLEN et al., 2008).

Figura 4 – Orientação das unidades escavadas no salão da Casa de Aposentadoria. A porta indicada se localiza na quadra A 3.



Fonte: Allen et. al., (2008).

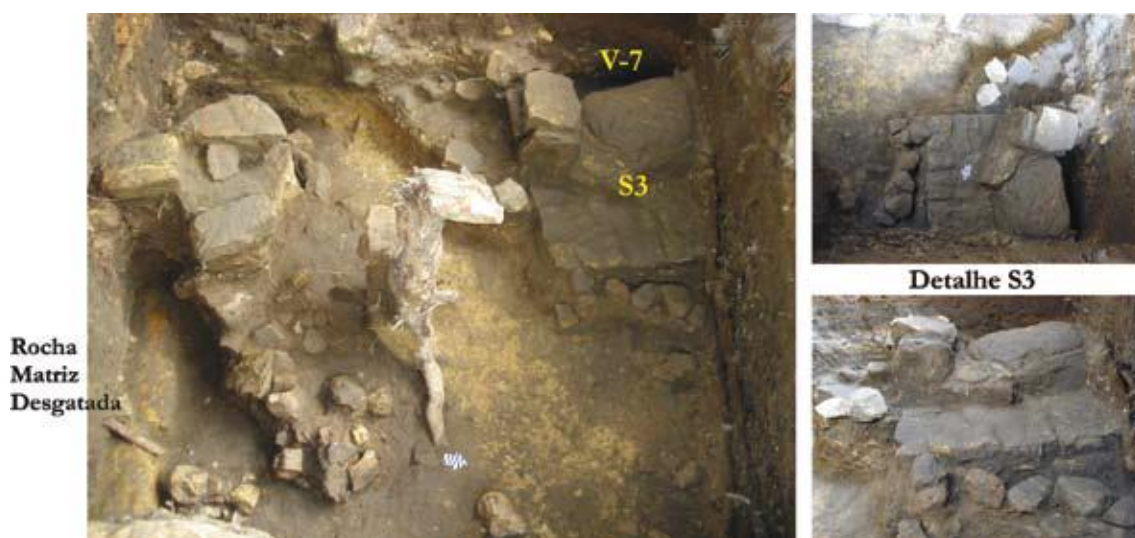
Figura 5 – Sondagem Oeste.



Fonte: Allen et. al., (2008).

A figura 6 detalha a Sondagem Oeste que apresentou vestígios materiais arqueológicos modernos como, fiação elétrica, plásticos, areia e piçarra datados do século XVII ao XX, blocos arenosos de 100 cm, muro, alicerces e afloramento da rocha matriz. A figura 7 mostra o conjunto de imagens da Casa de Aposentaria desde 1889. A figura 8 é a localização aproximada da Cadeia com demarcações primárias da construção (ALLEN et al., 2008).

Figura 6 – Sondagem Oeste.



Fonte: Allen et. al., (2008).

Figura 7 - Conjunto de imagens da Casa de Aposentadoria desde 1889.



Fonte: Allen et. al., (2008).

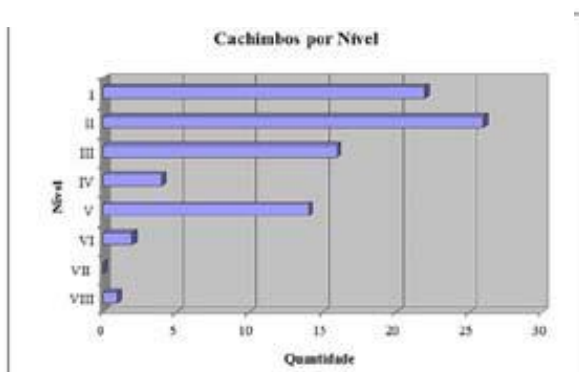
Figura 8 – Localização aproximada da S1 e S2.



Fonte: Allen et. al., (2008).

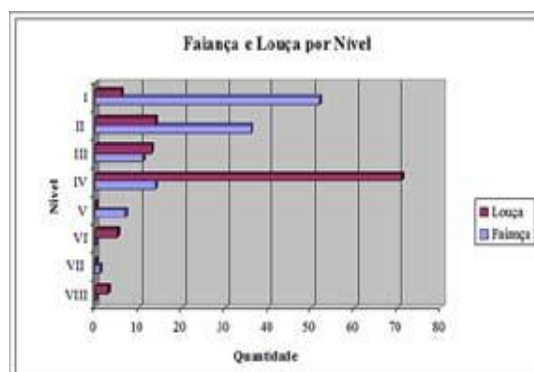
A figura 9 é a representação gráfica dos cachimbos de caulim em frequência após o nível V. A figura 10 é a representação gráfica da presença de faiança e louça por níveis materiais localização da Praça Barão de Penedo e superposição da malha urbana realizada pela equipe arqueológica e evidencia estruturas aparente ao lado da Casa de Aposentadoria que poderão ser vestígios de diversas construções desde o século XVII. A figura 11 mostra a área da atual localização de Penedo (ALLEN et al., 2008).

Figura 9 – Tabela mostrando a quantidade de cachimbos por nível.



Fonte: Allen et. al., (2008).

Figura 10 – Tabela mostrando a quantidade de faiança e louça por nível.



Fonte: Allen et. al., (2008).

Figura 11: Área da atual localização da Praça Barão do Penedo. Na imagem inferior, ficam aparente que as estruturas evidenciadas ao lado da Casa de Aposentadoria poderão ser vestígios de diversas construções desde o século XVII. Fonte: Imagem modificada de “Castrum Mauritiij” de Barlaeus (1647), Biblioteca Nacional Digital – Brasil.



Fonte: Barleus (1647:66).

Assim ficou comprovada que a Casa da Aposentadoria de Penedo foi uma obra de grande importância para a época de sua construção e até mesmo depois de sofrer reformas continuou com suas fundições prestando grande valor histórico, cultural e arquitetônico para a Arqueologia Urbana.

3.2 Patrimônio Cemiterial do Município da Cachoeira, Recôncavo Baiano.

“Bahia/Salvador, cidade histórica com uma grande importância social e com relevância para o patrimônio arquitetônico brasileiro, dentro deste contexto temos o município de Cachoeira localizado no Recôncavo Baiano, contendo vários pontos de locais para estudos arqueológicos, o ponto de estudo em questão será o cemitério de Cachoeira, construção antiga que dentre muitas outras merece atenção do Núcleo de Arqueologia da Universidade Federal da Bahia” (UFBA) (COMERLATO, 2012).

Cachoeira possui um núcleo histórico de vital importância devido sua localização e seu centro econômico, vinda a se tornar cidade histórica em 1837 então com o nome de Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira, a partir do século XVIII tiveram início as construções dos cemitérios ordenados por manter práticas mortuárias oriundas de povos e cultura da época, como destaque para alguns pontos: Templos, Lápides, Igrejas e Mausoléus (COMERLATO, 2012).

Também obtêm destaque outros cemitérios que fazem parte deste acervo de construções singulares e imponentes citaram aqui alguns deles: Cemitério da Piedade de Cachoeira do Paraguaçu, Cemitério dos Alemães, Cemitério da Ordem Terceira do Carmo, Cemitério dos Nagôs, falarei um pouco mais adiante destes cemitérios (COMERLATO, 2012).

Todos eles estão dentro do polígono de proteção do núcleo urbano, tombado como cidade monumento nacional, estes trabalhos de cunho arqueológico traz as características de cada cemitério realizando registros escritos, fotográficos e armazenamento de todos os vestígios encontrados sendo catalogados e devidamente identificados sob responsabilidade da UFBA (Universidade Federal da Bahia), Institutos do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Cemitério da Piedade: o cemitério apresenta em sua construção, muro no seu entorno, área plana e baixa recebendo melhorias e obras importantes que colocaram o local como referência de estudo no contexto arqueológico, registros fotográficos da entrada do cemitério e o túmulo de Aristide Milton Mascarenhas (FIGURA 12 e 13). O último patamar apresenta chão batido com cova simples, local onde são enterrados praticantes do candomblé (FIGURAS 14 e 15).

Figura 12 – Portão de entrada do Cemitério da Piedade.



Fonte: Fabiana Comerlato (2009).

Figura 13 – Túmulo de Aristides Milton Mascarenhas, de autoria de Paulo Herold, construído pela Santa Casa de Misericórdia.



Fonte: Fabiana Comerlato (2009).

Figura 14 – Ritos fúnebres em sepultura de falecido praticante de candomblé.



Fonte: Fabiana Comerlato (2013).

Figura 15 – Sepultura de um ogan, filho de Abaluaê.



Fonte: Fabiana Comerlato (2013).

Cemitério dos Alemães: situado na área de colina, construído para sepultar os protestantes e outros não católicos de origem européia, com características comuns a outros cemitérios tem seus túmulos com ornamentos de várias cruzes de origem celta, tri lobada, latina e outros, temos então um registro fotográfico da porta de acesso do cemitério. Na entrada, existem quatro colunas em ferro fundido que originalmente sustentava um telhado de duas águas (figura 16). Os gradis das sepulturas estão sendo furtados, utilizado como esconderijo de meliantes e evitado pela comunidade (FIGURA 17), (COMERLATO, 2012).

Figura 16 – Portada de acesso do Cemitério dos Alemães em 1975.



Fonte: Mônica Schramm ("s.d.").

Figura 17 – Portada de acesso do Cemitério dos Alemães em 2011.



Fonte: Fabiana Comerlato (2010).

Cemitério da Ordem Terceira do Carmo: situado em Monte Formosa, foi construído em 1892 com acesso central com arco e cruz no centro contando com estruturas que datam de 1901, adereços com anjos, cruzes, símbolos decorativos, túmulos de grande porte, capela e murado por completo com resquícios de decoração de construção da época (FIGURA 18 e 19).

Figura 18 – Cemitério do Carmo.



Fonte: Pinheiro (1942). Arquivo Central do IPHAN-RJ.

Figura 19 – Cemitério do Carmo na atualidade. Nota.



Fonte: Fabiana Comerlato (2010).

Cemitério dos Nagôs: localizado na lateral da igreja do Rosarinho, fundada em 1864, construído para sepultar lideranças políticas e religiosas de origem africana com sepultamentos de africanos e uma valorização e relação também com o Candomblé, e também fazendo menção a N.S. do Rosário do Coração de Maria do Monte Formoso, no campo de política de preservação, o cemitério foi contemplado pelas ações do programa monumental em 2006 e reivindicação pela comunidade negra de Cachoeira (FIGURA 20 e 21), (COMERLATO, 2012).

Figura 20 – Vista parcial do Cemitério dos Nagôs.



Fonte: Fabiana Comerlato (2010).

Figura 21 – Parte superior da escultura alegórica da fé.



Fonte: Menderson Correia Bulcão (2010).

A finalidade do projeto é de servir de ações que preservem a cultura dos cemitérios e assim manter suas origens junto ao patrimônio cemiterial de Cachoeira, mantendo vivas suas memórias, devido à importância dos cemitérios para a sociedade com suas crenças católicas e espirituais, por isso deve-se manter a preservação e tombamento dos locais em questão e servindo de fonte de estudo para o programa de educação patrimonial dos cemitérios da América Latina.

3.3 Intervenções Preservacionistas em Icó, Ceará - Redenção do Sertão?

“Com o grande crescimento de projeto que culminou com a preservação do patrimônio arqueológico de várias localidades, o Brasil se coloca em uma posição de relevância e como não poderia deixar de ser, o Nordeste Brasileiro tem muito a

oferecer neste campo, pois, serviu de porta de entrada para muitas outras culturas através de povos que aqui se instalaram e foram deixando vestígios de suas passagens por aqui.”

O estado do Ceará, particularmente a cidade de Icó, localizada no Centro-Sul do Ceará já considerada patrimônio nacional em 1997, devido a sua representatividade de ocupação nos séculos XVIII e XIX, tendo seu tombamento ocorrido na década de 1960, devido a sua grande diversidade de arquitetura colonial, com alto valor histórico, paisagístico, urbanístico e arquitetônico, facilitando o andamento e conclusão do seu processo de tombamento (NASCIMENTO, 2007).

Novamente, mais um projeto conseguido pela competência do IPHAN no Brasil, contudo só uma parte da cidade será colocada como núcleo de preservação, passando a receber o nome de Espaço Iluminado sendo ele compreendido de leis e regras diferentes do restante da cidade, devido ao seu contexto de determinados tipos de construções. Mas, outro problema surge com o tombamento da área, seriam as condições de recursos financeiros para manutenção projeto, pois, o IPHAN não disponibiliza de tais valores.

A esperança vem de órgãos que se colocam a disposição para ajudar nesta situação, o Governo do Estado do Ceará com a Secretaria de Infra-estrutura, o programa dispondo do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PROURB), o Ministério da Cultura, IPHAN e o Banco Interamericano, com o projeto de revalorização de espaços tombados degradados, tendo em vista sua sustentabilidade. Com isto, o turismo através dos programas seria uma fonte de renda e possível forma de aumento de arrecadação.

Pontos de destaque da campanha e passíveis de intervenção arquitetônica: Igreja Matriz N.S da Expectação, Casarões da Rua São Geraldo e Av. Ilídio Sampaio, Rua Sete de Setembro, Câmara de Vereadores, Largo do Theberge. Por fim só aguardamos que projetos como estes e iniciativas como estas só venham a crescer e se propagar, para que nossa história seja contada de maneira coerente e não só vistas como edificações de passíveis de restauração (FIGURAS 22 a 31), (NASCIMENTO, 2007).

Figura 22 – Vistas da Rua São Geraldo. Espaço que guarda relações estreitas com a área tombada.



Fonte: Clewton Nascimento (2002).

Figura 23 – Os casarões tombados da Av. Ilídio Sampaio, e as áreas adjacentes.



Fonte: Clewton Nascimento (2002).

Figura 24 – Igreja Matriz de Nossa Senhora da Expectação, restaurada em 2000, a partir dos preceitos da Carta de Veneza de 1964.



Fonte: IPHAN (2000.).

Figura 25 – Igreja Matriz de Nossa Senhora da Expectação, restaurada em 2000, a partir dos preceitos da Carta de Veneza de 1964.



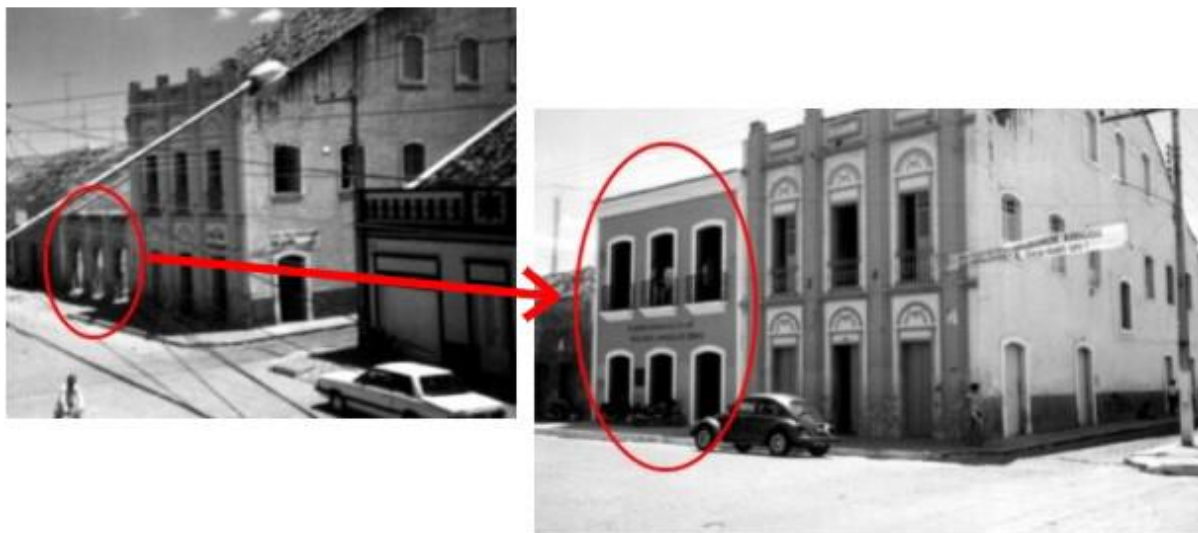
Fonte: IPHAN (2000).

Figura 26 – Rua Sete de Setembro em 1993 e Rua Sete de Setembro em 2001. O detalhe mostra a reforma da edificação segundo orientação do IPHAN.



Fonte: Clewton Nascimento (2002).

Figura 27 – Indicação de prédio em ruínas na Rua Ilídio Sampaio e posterior “restauro” para abrigar a Câmara dos Vereadores da Cidade de Icó. (Fotos retiradas respectivamente na década de 80 e 2000).



Fonte: Clewton Nascimento (2002).

Figura 28 e 29 – Proposta para valorização do Largo do Theberge. Na paginação do piso, um apelo à revalorização dos edifícios tradicionais.



Fonte: Nelson; Campelo Arquitetos Associados (“s.d.”).

Figura 30 – Largo do Theberge, a partir da torre da igreja Matriz. O desenho do piso só se torna compreensível, a partir de uma perspectiva a “vão de pássaro”.



Fonte: Fotomontagem: Clewton Nascimento/Liliane Vieira/Emanuel Ramos (2004).

Figura 31 – Largo do Theberge visto a partir do Teatro da Ribeira dos Icos. Carência de áreas sombreadas. Privilégio à visibilidade dos monumentos?



Fonte: Fotomontagem: Clewton Nascimento; Liliane Vieira; Emanuel Ramos (2004).

3.4. De Tapuitapera a Villa D' Alcântara Estudo sobre a Formação da Cidade de Alcântara no Maranhão.

A formação ou constituição das nossas cidades, meio que obedecem a um padrão de formação, através da urbanização de suas vilas e cidades do Brasil do tempo colonial, dando as nossas origens de colonização (SOARES, 2012).

Sendo ou não de forma planejada, estudos mostram formas intermediárias de planejamento existentes no momento de formação de cada uma destas cidades fundadas ao longo dos séculos, como no século XVII, que vem apresentando aspectos nas principais e primeiras edificações de uma cidade, ou seja, a colocação estratégica de construções religiosas, militares, civis e por demais mostrando até um padrão a ser seguido.

No Maranhão, vemos exatamente isto, denominando que houve um planejamento mesmo sem a existência de engenheiros ou arquitetos na época, a cidade de Alcântara-Maranhão construída a partir de uma aldeia pré-existente com

mostra de culturas francesas, portuguesas e holandesas. A aldeia indígena passou a aldeia religiosa depois de Vila de Santo Antônio em 1648, no século XVIII elevou-se sua categoria de cidade.

Abandonado e decadente, no século XIX sofreram processos externos, que contribuíram para a extinção dos vestígios deixados e sofrendo grande descaracterização de seus espaços urbanos arquitetônicos da época de sua construção, o esquecimento dos marcos da cidade também foi outro ponto de destruição e a especulação financeira culminou com a implantação nos anos 80 do Centro de Lançamento de Foguetes (CLA) que só aumentou a degradação e favelização de cidade (SOARES, 2012).

A Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) como em outras localidades faz estudos e projetos para que sejam mantidas as obras e até revitalizar as que sobraram, para que não se perca por completo a identidade colonial da formação inicial das cidades.

No início da urbanização da cidade de Alcântara-Maranhão, verificaram-se alguns aspectos urbanos como: elevações do nível do mar, extremos com igarapés, baía de São Marcos, mangue costeiro, encosta nas embarcações, que propicia sua construção estratégica, situada no litoral Norte Maranhense contendo uma porta de acesso para entrada e saída de mercadorias, foco importante para sua construção.

Hoje através de dados criados com a UEMA, o Instituto Brasileiro Geográfico IBGE, Governo do Estado e IPHAN notam que a perfeita evidência do processo de colonização portuguesa na região, devido aos traços que através destes projetos foram identificados (SOARES, 2012).

Concluindo assim que algumas cidades brasileiras receberam em suas origens no século XVII, projetos com traços regulares de formação, indicando um projeto de formação de origem militar com um aspecto de traçados particulares do início do século XVII característico dos portugueses.

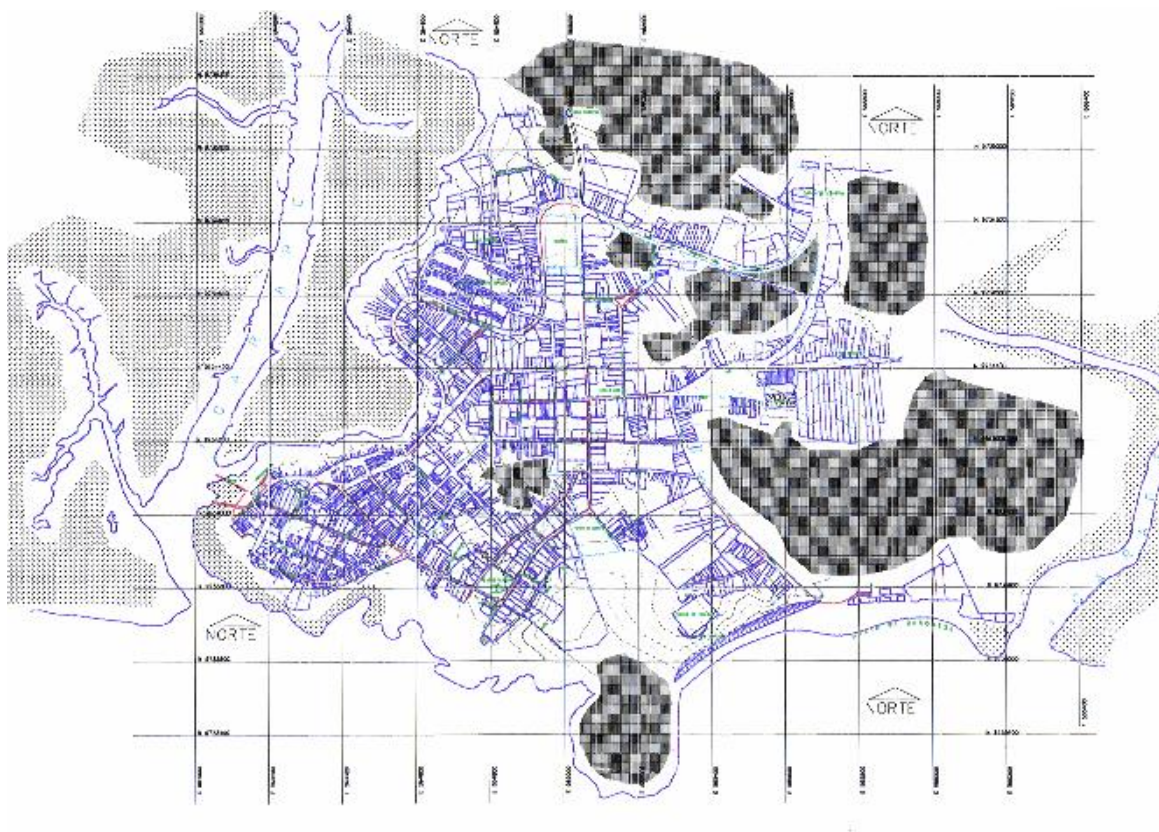
Nos dias atuais, Alcântara sofreu com o processo acelerado de favelização, isolamento econômico, falta de planejamento urbano e preservação do seu valioso projeto arquitetônico, histórico e cultural servindo de grande importância para a história da iniciação de vários povos que começaram a história de formação das nossas cidades, (FIGURAS 32 e 33).

Figura 32 – Planta cadastral da cidade de Alcântara em 1970.



Fonte: Arquivo de Pedro Alcântara (1970).

Figura 33 – Planta digital da cidade de Alcântara em GPS 2000.



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal (200).

3.5 Intervenção Arqueológica na Igreja São Frei Pedro Gonçalves em João Pessoa, Paraíba.

Paraíba, como vários outros estados e cidades do Brasil sofreu ocupações desde a sua fundação, com isto foi-se encravando ao longo do tempo edificações sobrepostas a muitas outras da existente na localidade e sendo alteradas ou não pelos povos que vieram a seguir e aí por diante, todos que por ali e como em todas as outras regiões vão deixando suas marcas e nas construções e vestígios na sua cultura. (PESSIS et al., 2003).

Sendo que é inegável a primeira e principal presença destas localidades como a dos povos indígenas em quase todas as regiões do nosso país, como constatados através de achados e comprovados por arquivos físicos ou escritos com registros antigos.

Na Paraíba como não poderia ser diferente de outras, a defesa do patrimônio arquitetônico cultural tem crescido de forma considerável e só nos traz benefícios e aumenta nosso conhecimento em relação aos nossos percussores, tendo seu início no ano de 2000 que foi a restauração do conjunto monumental da Igreja São Francisco e do Convento de Santo Antônio. Através da restauração e do resgate destas culturas, podemos contar da história inicial do seu povoamento e edificações como devem ser mantidos e conservados (PESSIS et al., 2003).

O ponto de estudo foi a Igreja de São Pedro Gonçalves, as descobertas feitas durante escavações no solo atual viram-se uma capela anterior do século XVIII possivelmente da época da colonização com relatos de muitas guerras, conquistas, derrotas e até surgimento de novos pontos de povoamento e fundação de novas cidades, Filipéia de N. S. das Neves, episódios conhecidos do povo ao longo do tempo (PESSIS et al., 2003).

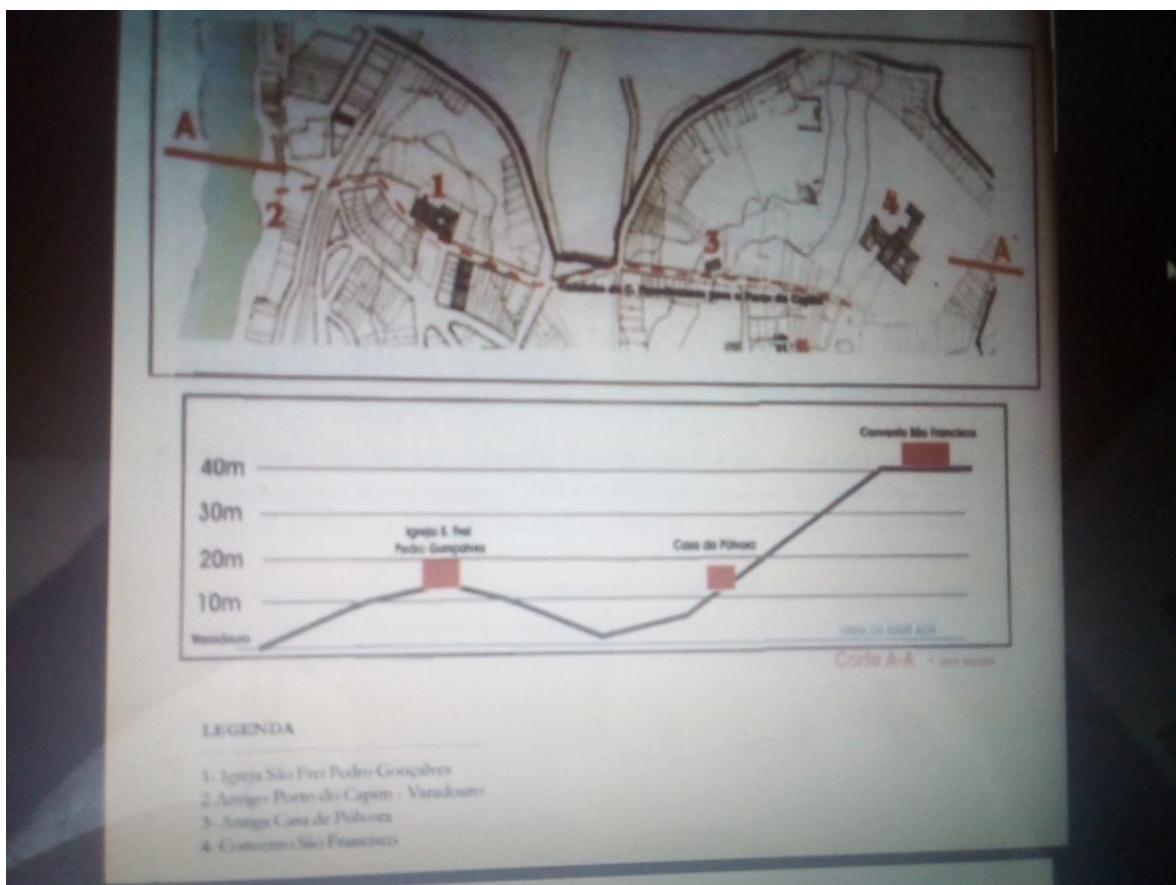
O santo: São Pedro Gonçalves é tido como protetor dos homens do mar, popular nos séculos XVI à XVIII decaindo no século XIX, mas as igrejas continuam dedicadas até hoje pela sua tradição religiosa, dominicano viável no século XVIII, beatificado em IV, suas igrejas tem as construções edificadas sempre as margens de regiões costeiras.

A igreja: a revitalização da igreja de São Pedro Gonçalves é o centro histórico de João Pessoa-PB, recebeu apoio do (protetor), do programa de desenvolvimento turístico da Paraíba, da secretaria de educação e do governo do estado.

Com início em 2001, com a fundação Seridó e o núcleo de estudos arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e do departamento da Universidade Federal da Paraíba (UFPA). Outros pontos serviram de referências para o projeto como um todo: estrutura de igreja antiga, capela primitiva, área externa da capela, degraus e rebocos, moedas e louças (PESSIS et al., 2003).

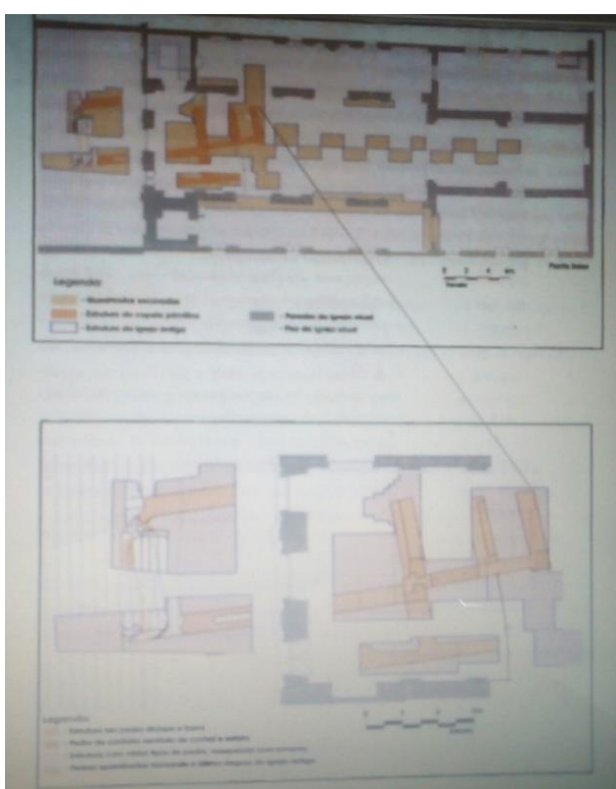
Contudo, a revitalização do centro histórico não é apenas um trabalho de restauração arquitetônica, mas é também uma pesquisa da pré-história de várias comunidades que por ali se instalaram e contribuíram para o conhecimento da nossa história, (FIGURAS 34 a 42).

Figura 34 – Mapa localizando a igreja, o porto, a casa de pólvora e o convento, em João Pessoa na Paraíba.



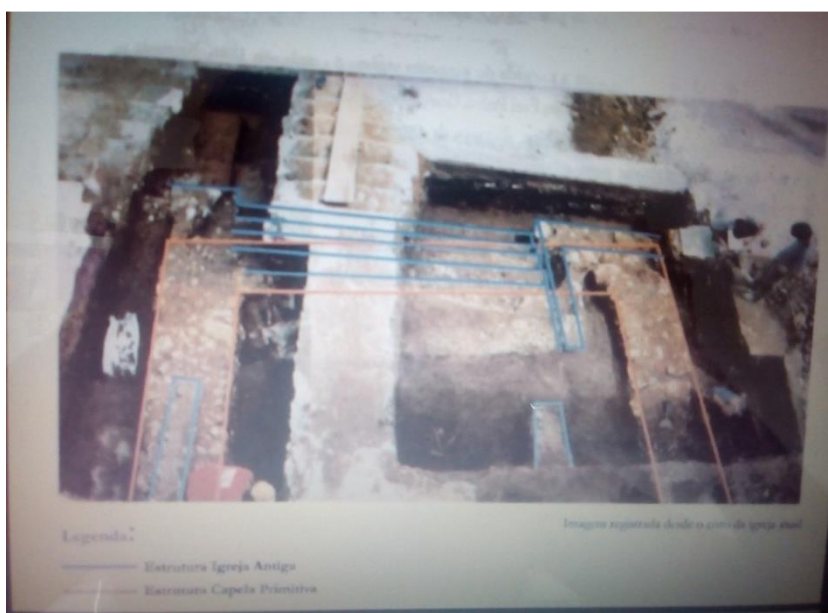
Fonte: Pessis et. al., (2003).

Figura 35 – Planta baixa dos alicerces da Capela de São Frei Pedro Gonçalves.



Fonte: Pessis et. al., (2003).

Figura 36 – Foto tirada da escavação arqueológica da antiga igreja São Frei Pedro Gonçalves.



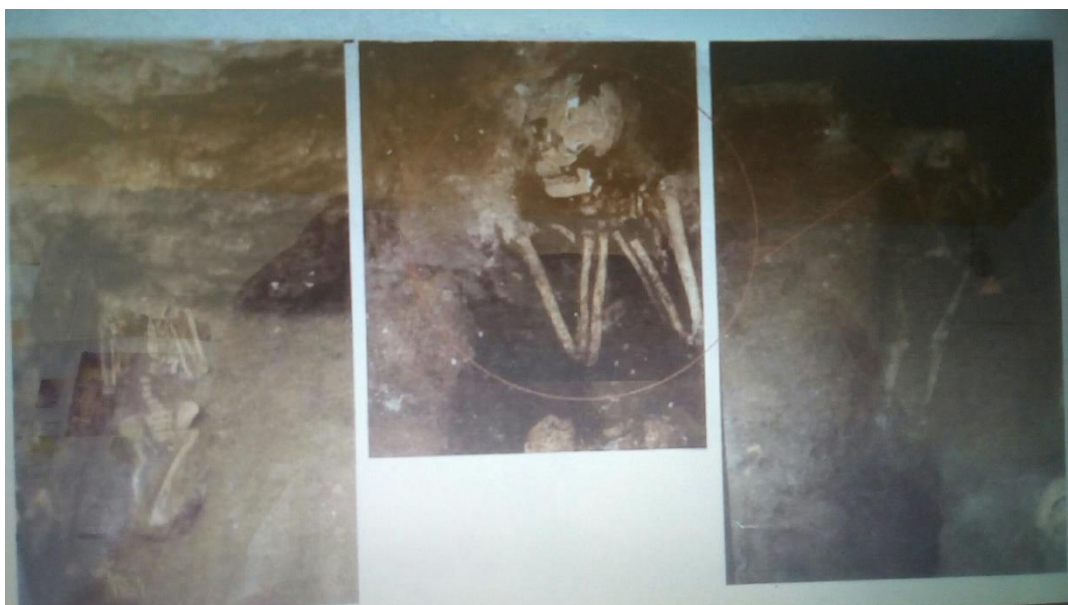
Fonte: Pessis et. al., (2003).

Figura 37 – Enterramentos, evidenciados na área externa à estrutura da capela.



Fonte: Pessis et. al., (2003).

Figura 38 – Ossos humanos encontrados na estrutura da parede da capela, e apoiados sobre os degraus da velha igreja.



Fonte: Pessis et. al., (2003).

Figura 39 – Rebocos com pigmentos policrômicos encontrados na escavação junto ao arco cruzeiro.



Fonte: Pessis et. al., (2003).

Figura 39 – Rebocos com pigmentos policrômicos encontrados na escavação junto ao arco cruzeiro.



Fonte: Pessis et. al., (2003).

Figura 40 – Louças e faianças encontradas na escavação.



Fonte: Pessis et. al., (2003).

Figura 41 – Moedas encontradas na escavação.



Fonte: Pessis et. al., (2003).

Figura 42 – Cerâmicas, grés e vidros encontrados na escavação.



Fonte: Pessis et. al., (2003).

3.6 As técnicas construtivas e a expansão do Bairro do Recife antigo no século XVI à XIX.

A cidade de Recife desde a sua fundação já demanda um gama de construções e edificações que representam um grande valor arquitetônico, histórico e cultural, por se tratar de um pólo com facilidade para o transporte e passageiros oriundos do porto bem localizado e de suma importância para a cidade como um todo, é uma cidade litorânea, um ponto que só ajudou no seu desenvolvimento.

Hoje Recife dispõe de um vasto território ao qual ocorreu o tombamento histórico de diversas áreas e que foram e ainda são passíveis de serem revitalizadas, em prol da manutenção da sua cultura histórica e arquitetônica, que está sob o comando do setor de intervenção controlada do patrimônio histórico-cultural (ZEPH 09) e ao setor de preservação rigorosa, sítio histórico Bairro do Recife para uso e recuperação do solo (MENELAU et al., “s.d.”).

Nosso foco será o Bairro do Recife, que está no contexto do tombamento federal e proteção de âmbito municipal, dentro desta área se localiza o Polo Alfândega/Madre de Deus, objetivo da pesquisa em questão no extremo sul da Ilha do Recife que constituem ruas e avenidas tais como: Rua da Moeda, AV. Alfredo Lisboa, Rua Madre de Deus, Rua Vigário Fenório, Rua da Alfândega, Rua Aluísio Magalhães, Rua Aluísio Periquito, Rua Mariz de Barro e Rua da Assembléia (MENELAU et al., “s.d.”).

O primeiro registro histórico do Bairro do Recife foi 12 de março de 1537, ao então donatário Duarte Coelho por parte da coroa portuguesa com escritura em 24 de abril de 1593. Também recebeu outras denominações ao longo do tempo: Arrecifes dos Navios, Porto dos Navios, Povo dos Arrecifes e Ribeira Marinha dos Arrecifes (MENELAU et al., “s.d.”).

Projeto de restauração e revitalização do Bairro do Recife, através de pesquisa arqueológica se efetuando escavações, abertura de valas, aterros e leituras estratigráficas para análise espacial, com isto foi-se detectando vestígios de habitações e povoamentos de várias culturas, através destas etapas foram encontradas imagens cerâmicas, templos, poços, fontes.

A Arqueologia buscou identificar cada etapa da evolução ocupacional urbana ocorrida na região para melhor entendimento da sua estrutura inicial e suas modificações, por fim foi um sucesso a contribuição que este estudo deu a

sociedade e para a história de um povo em relação a sua cultura e colonização inicial, (FIGURA 43 a 56).

Figura 43 – Área da escavação do bairro do Recife.



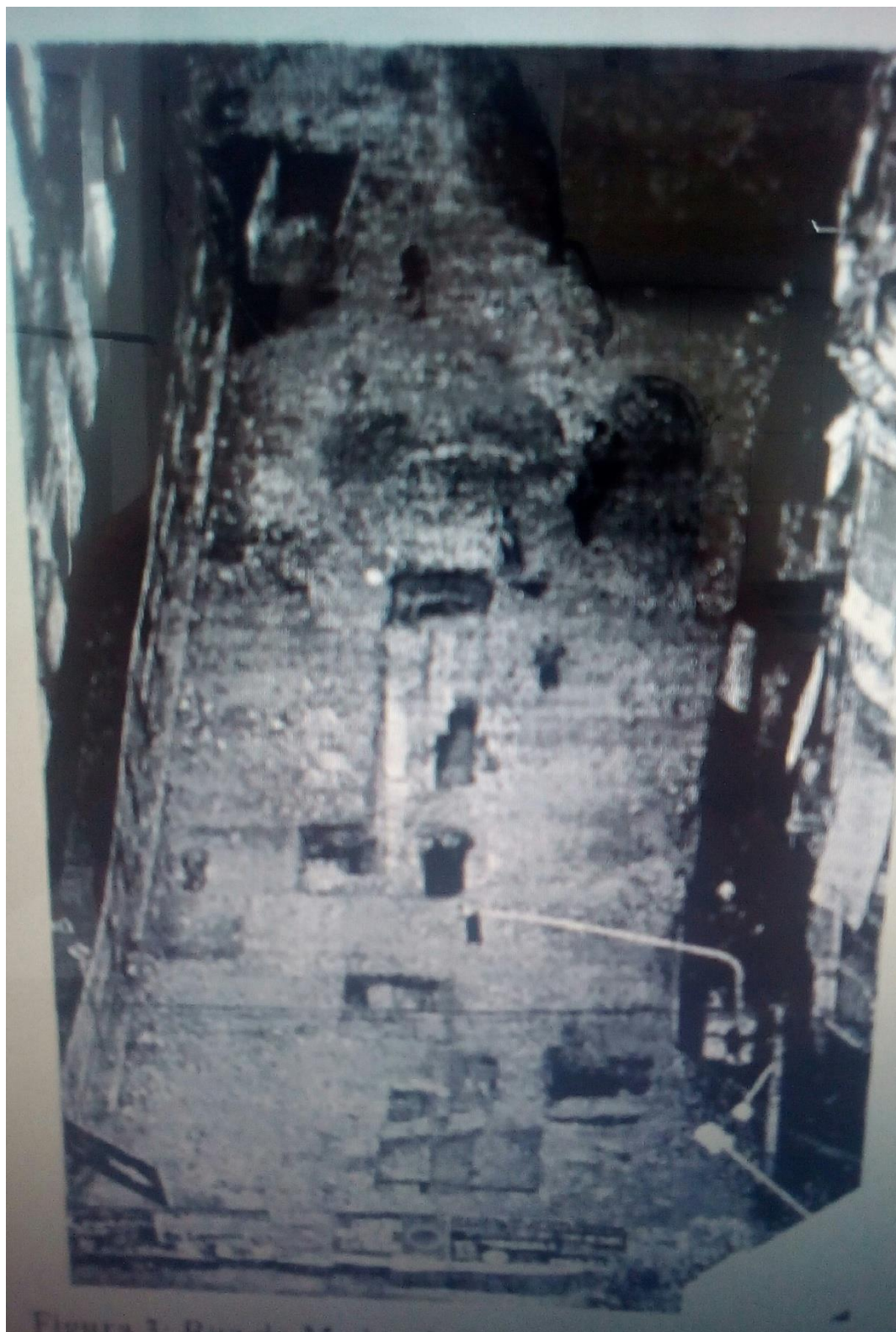
Fonte: Montagem de Tereza Simis (2005).

Figura 44 – Estratigrafia.



Fonte PPARQ-UFPE. Montagem de Tereza Simis (2005).

. Figura 45 – Rua da Madre de Deus – quarteirão holandês.



Fonte: PPARQ-UFPE. Ricardo Abreu ("s.d.").

Figura 46 – Estrutura do bairro holandês.



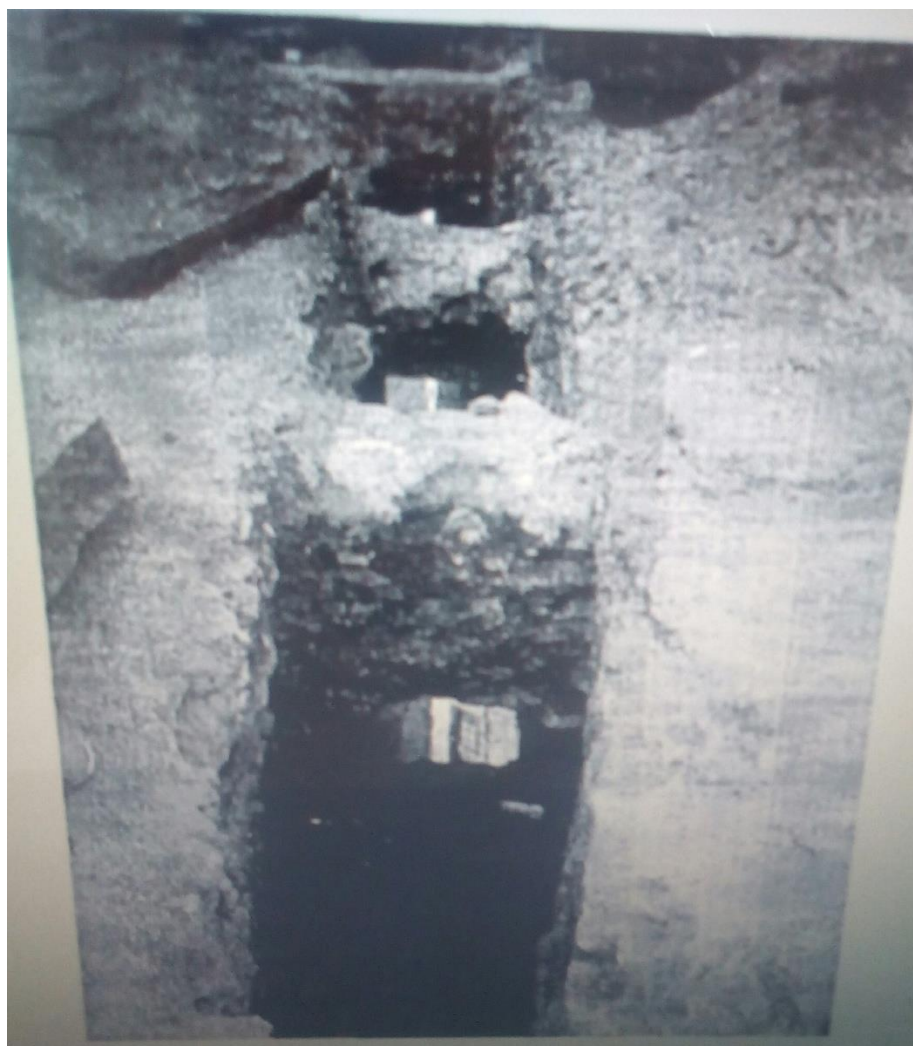
Fonte: PPARQ-UFPE. Vera Menelau ("s.d.).

Figura 47 – Arranjo da rocha de arenito, restos de materiais e tojo holandês.



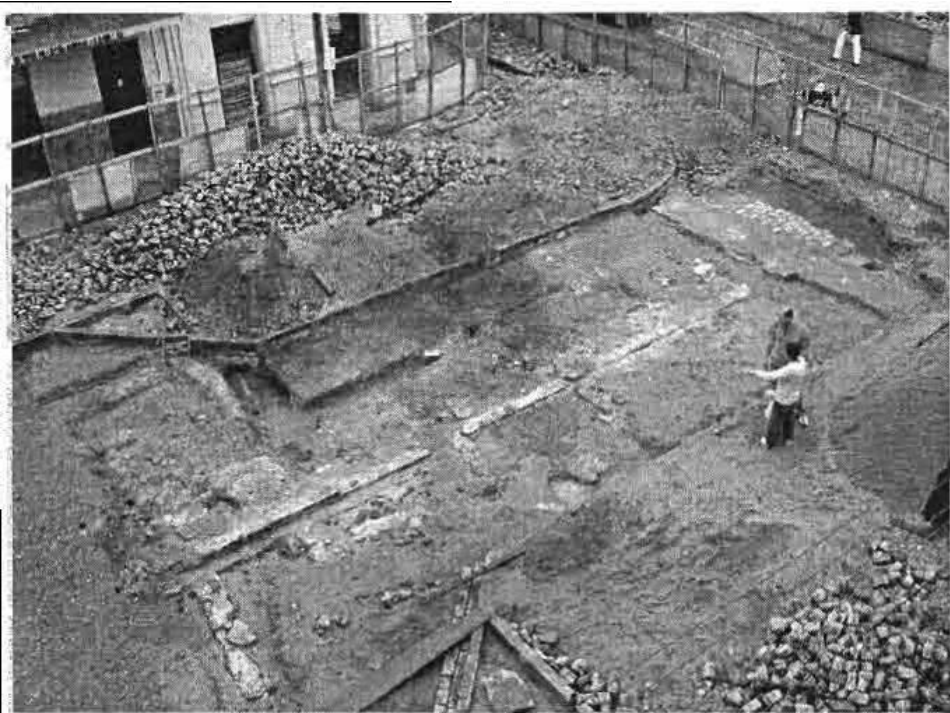
. Fonte PPARQ-UFPE. Vera Menelau ("s.d.).

Figura 48 – Estruturas de contenção de águas para aterro.
Materiais mistos (rochas diversas, restos de telhas, tijolos e calça).



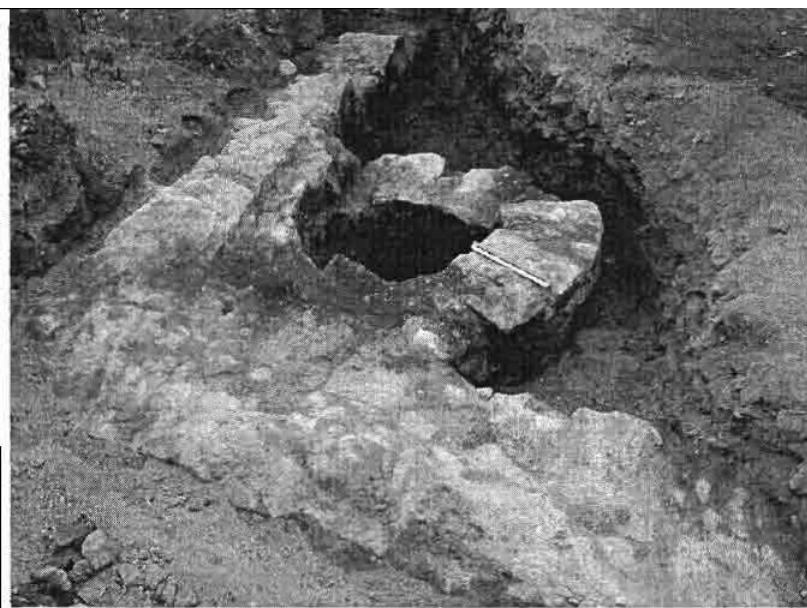
Fonte PPARQ-UFPE. Tereza Simis (2005).

Figura 51 – Estruturas encontradas na Rua da Moeda.



Fonte: PPArq-UFPE. Vera Menelau (2005).

Figura 52 – Poços encontrados na Rua da Moeda.



Fonte: PPARQ-UFPE. Tereza Simis (2005).

Figura 53 – Poços encontrados na Rua da Moeda.



Fonte: PPARQ-UFPE. Tereza Simis (2005).

Figura 54 – Poços encontrados na Rua da Moeda.



Fonte: PPARQ-UFPE. Tereza Simis (2005).

Figura 55: Toras de madeira.



Fonte: PPARQ-UFPE. Tereza Simis (2005).

Figura 56 – Estaqueamento da construção.



Fonte: PPARQ-UFPE. Tereza Simis (2005).

Abrangia as discussões sobre a importância de planejar as cidades, de propor mudanças modernas como Teresina, que é considerada a primeira cidade-capital planejada e construída do Império brasileiro (BRAZ; SILVA, 2012).

A Praça Marechal Deodoro, ou Praça da Bandeira, como é mais conhecida, guarda, em seu entorno, marcas dessa organização construída logo após a mudança: Mercado Público, Igreja Matriz Nossa Senhora do Amparo, e outras edificações. Por último, em 1980, museu. A casa pertenceu à família do Comendador Jacob Manoel Almendra, português de origem, e proprietário de terras no interior do Piauí, que, na capital, teria recebido a maioria dos terrenos da parte Norte da referida Praça (Museu, 2013). A Praça Conselheiro Saraiva contém a Catedral de Nossa Senhora das Dores, de 1871, colégio de ordem religiosa, e a Casa da Cultura de Teresina, a outra marca territorial que, também como o Museu na outra Praça, passou por alguns usos desde a sua construção inicial de residência: (FIGURAS 58 a 63):

A Casa da Cultura de Teresina, inaugurada em 12 de agosto de 1994, ocupa uma edificação construída entre 1870 e 1880, pelo Sr. João do Rego Monteiro, o Barão de Gurgueia (1809-1897), para sua residência e família. Segundo historiadores, além de residência, a casa serviu também como quartel e enfermaria. Entre 1906 e 1911, monsenhor Joaquim d'Almeida instalou um Seminário no prédio e, em 1913, os herdeiros do Barão venderam o prédio para a Diocese de Teresina, que deu continuidade ao Seminário. Depois de fechado, o casarão foi transformado em residência episcopal, tendo sofrido algumas alterações na fachada principal (...). Com a transferência do Seminário para outro local, nele passou a funcionar, por vários anos, a sede do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) no Piauí, para depois abrigar, também por longo período, o Colégio Pedro II, que fez diversas modificações no prédio. Em 1986, foi tombado pelo Departamento do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Piauí. O prédio é um dos mais bonitos exemplares da arquitetura eclética piauiense da segunda metade do século XIX, com aplicação das tradicionais ogivas nas portas e janelas. Em 1993, iniciaram-se as obras de restauro do prédio através de convênio firmado entre a Prefeitura de Teresina e o Governo do Estado do Piauí. O pavimento superior foi cedido, pelo prazo de vinte anos em forma de comodato, pela Arquidiocese de Teresina à Prefeitura, que alugou o pavimento térreo para complementar a ocupação do edifício. Assim, em 1994, depois de restaurada, foi inaugurada a Casa da Cultura de Teresina no imponente casarão da Praça Saraiva pelo Governador Guilherme Melo e Prefeito Wall Ferraz (IGLESIAS, 2010, p. 45-46).

Figura 58 – Fachada da Casa da Cultura.



Fonte: Rosângela Barros (2011).

Figura 59: Fachada do Museu do Piauí.



Fonte: Fabrícia Santos (2011).

Figura 60 – Exemplo de movimento na Praça da Bandeira. Apresentação de artista mambembe.



Fonte: Fabrícia Santos (2010).

Figura 61: Imagem de aspectos da Praça Saraiva no meio da manhã.



Fonte: Fabrícia Santos (2011).

Figura 62 – Aula na Praça da Bandeira.



Fonte: Fabrícia Santos (2010).

Figura 63 – Observação da Casa da Cultura a partir da Praça Saraiva.



Fonte: Fabrícia Santos (2011).

3.8 Memória e Patrimônio: Um Estudo no Centro Histórico de Natal

Mais uma cidade do nosso Nordeste Brasileiro com título de patrimônio cultural recebido em 2010. Incluso no PAC (Patrimônio das Cidades Históricas) das cidades históricas que revitaliza centros urbanos históricos pelo país ao qual em Natal compreende os bairros de Ribeira e Cidade Alta, pontos que começam a sofrer com a degradação e a especulação econômica que acaba destruindo patrimônios culturais e arquitetônicos para o uso e ganância do homem, só visando o aspecto imobiliário, destruindo a identidade do centro histórico da cidade de Natal e de outras capitais e estados (MEDEIROS; LUNA, “s.d.”).

Fundada em 1599, Natal recebeu várias intervenções ao longo dos anos servindo de referência para que possa ser contada um pouco de sua história e de seu centro histórico tombando em 2010 com acervo urbano colonial, e de outras épocas especialmente do século XX, bem como culturas dos portugueses e dos indígenas que aqui habitavam. Vários pontos servem como referência destas culturas como a Praça Pedro Velho e Baldo Cidade Alta, Forte dos Reis Magos, contento dois pontos distintos e relevantes para sua época em relação da sua defesa estrutural um ponto baixo e um estratégico para uma visão privilegiada dos que aqui chegavam (MEDEIROS; LUNA, “s.d.”).

Com o decorrer dos séculos, várias mudanças significativas ocorreram entre os dois pontos como mudanças em prédios, locais administrativos e prédios públicos. Com o plano de melhorias no sistema de água e energia, criando com isto o plano de sistematização de Natal, trazendo novas intervenções proporcionando a criação de novos bairros e interligação de ruas e avenidas, mudando a demografia da cidade desde sua fundação, mas que com isto vem a causar destruição de casarões e edificação de épocas.

Nos últimos anos houve ligações importantes e criação de novas estradas com a colocação de Natal em evidência no Brasil, por exemplo, a Sede da Copa do Mundo, criação de condomínios, construção de uma Base Militar e estradas que ligando Natal a Base Aérea de Parnamirim e outros investimentos que se seguiram.

Denominando até o crescimento do capital estrangeiro e novas perspectivas de expansão, mas tudo isto tem que ser feito com certa supervisão e por órgãos que tenham certo poder de decisão e caminhem juntos para este projeto se fixem, órgãos como o IPHAN, IBGE (Instituto Brasileiro Geográfico), Prefeitura de

Natal, Governo do Estado e Ministério do Turismo se unam para a preservação do patrimônio arquitetônico, histórico e cultural da cidade de Natal (MEDEIROS; LUNA, “s.d.”).

No final do projeto, se pretenda a criação de um acervo áudio visual documental e iconográfico para a montagem de exposição temática no memorial do IFRN (Instituto Federal do Rio Grande do Norte) sediado no campus da Cidade Alta, com uma visão perspectiva do patrimônio histórico e cultural. Diante de tais colocações, esperamos que tais pesquisas venha aoferecer dados da historiografia de Natal e continue com a criação de novos projetos desta natureza, que só trazem benefícios para os povos, a sociedade e a cultura de sua região, (FIGURA 64).

Figura 64: Centro Histórico de Natal.



Fonte: In: MELO; SILVA FILHO (2007, p. 3).

3.9 Um Estudo de Arqueologia Urbana em São Cristóvão

São Cristóvão, cidade histórica do nordeste brasileiro teve sua fundação em 1590, por Cristóvão de Barros se tornando São Cristóvão de Sergipe Del Rey, sendo sua colonização obra luso-espanhola final de século XVI, tombada em 22 de junho de 1938 como patrimônio histórico nacional.

Compõe um conjunto arquitetônico de principal importância que abrange: a Praça São Francisco, Convento São Francisco, Santa Casa da Misericórdia e o Palácio Provincial. Na Praça da Matriz encontramos outro conjunto de obras importantes: Igreja da Matriz N. S. da Vitória, Igreja N. S. do Rosário dos homens pretos, Conjunto do Carmo, Casarões e Prédios Públicos (COSTA, 2014).

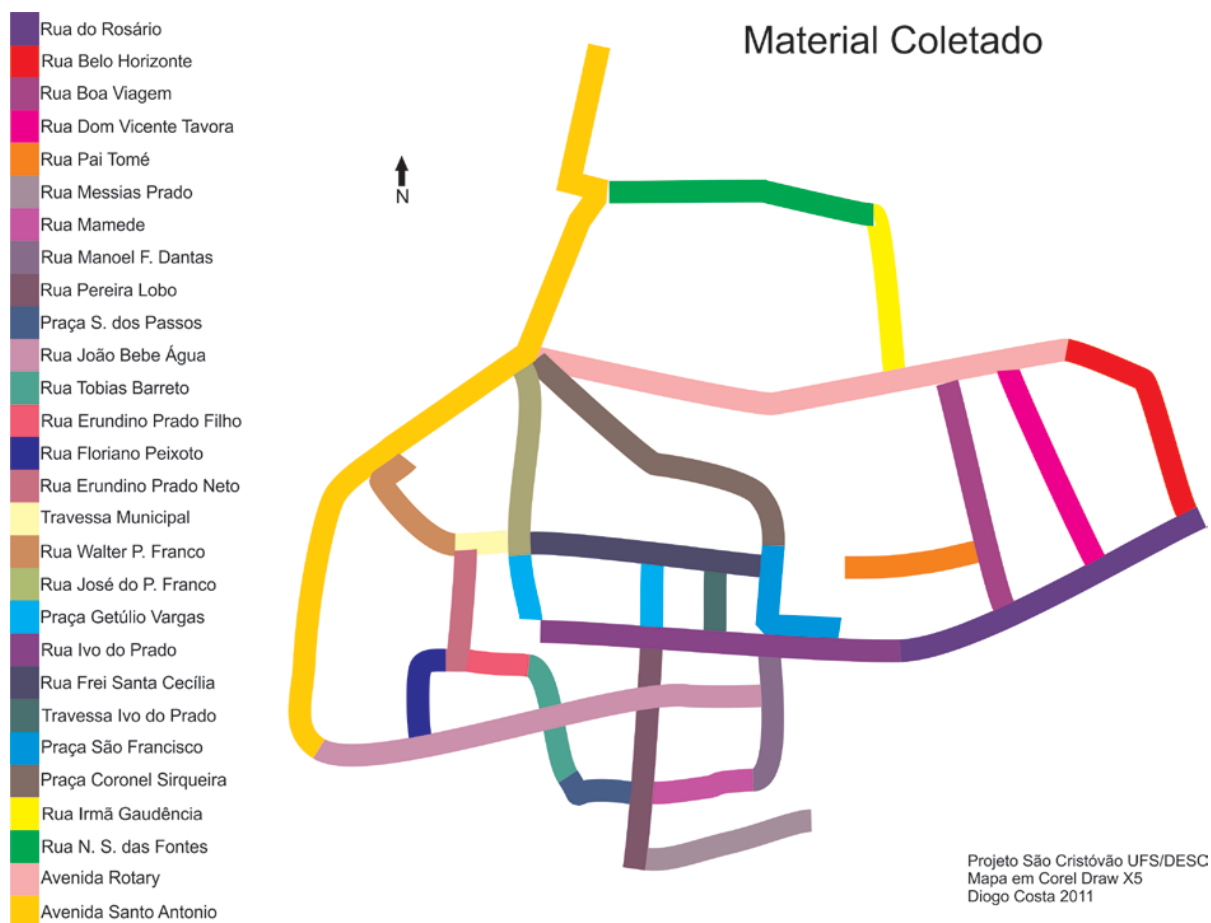
Observa-se também por toda a extensão da cidade, obras arquitetônicas de várias representações coloniais, mantidos pelo governo e seus moradores que entendem a grande importância da manutenção deste tipo de edificação.

O projeto em desenvolvimento com atividades de levantamento e monitoramento do patrimônio arqueológico que foi afetado pela ampliação do sistema de esgotos e do abastecimento de água para os municípios de Laranjeiras e São Cristóvão no estado de Sergipe, projeto que tem a frente à Universidade Federal de Sergipe (UFS) através do núcleo de Arqueologia da UFS (NAR), Campus de Laranjeiras e apoio da Deso, Cia de águas de Sergipe e fundação de apoio e pesquisa e extensão do estado de Sergipe (FAPESE).

Pesquisadores da UFS-SE deram início aos trabalhos em 2010 com vistoria do integrante da equipe do NAR-SE, para a coleta de vestígios arqueológicos que estavam em sub superfície, tais atividades ocorriam como forma de escavações, sondagens, abertura de valas e descrição de uma linha a ser seguida para a localização do projeto de maneira responsável.

Foi escolhido um ponto inicial do projeto, a Rua do Rosário, devido a sua localização que se observou diversas construções características do período colonial, várias outras ruas foram objeto de estudo: Rua do Rosário, Belo Horizonte, Boa Viagem, Pai Tomé, Pereira Lobo, Prado Neto, Ivo do Prado e várias outras de igual importância, seguindo com as escavações foram se registrando vários indícios de ocupações e vestígios deixados nos locais mesmo com várias mostras de novas edificações, mostrando uma concentração de grande material arqueológico em todas as partes das escavações (FIGURA 65 a 70), (COSTA, 2014).

Figura 65 – Mapa em Corel Draw X5 dos logradouros pesquisados em São Cristóvão, Sergipe.



Fonte: Diogo Costa (2011).

Figura 66 – Concentração e distribuição de louças.

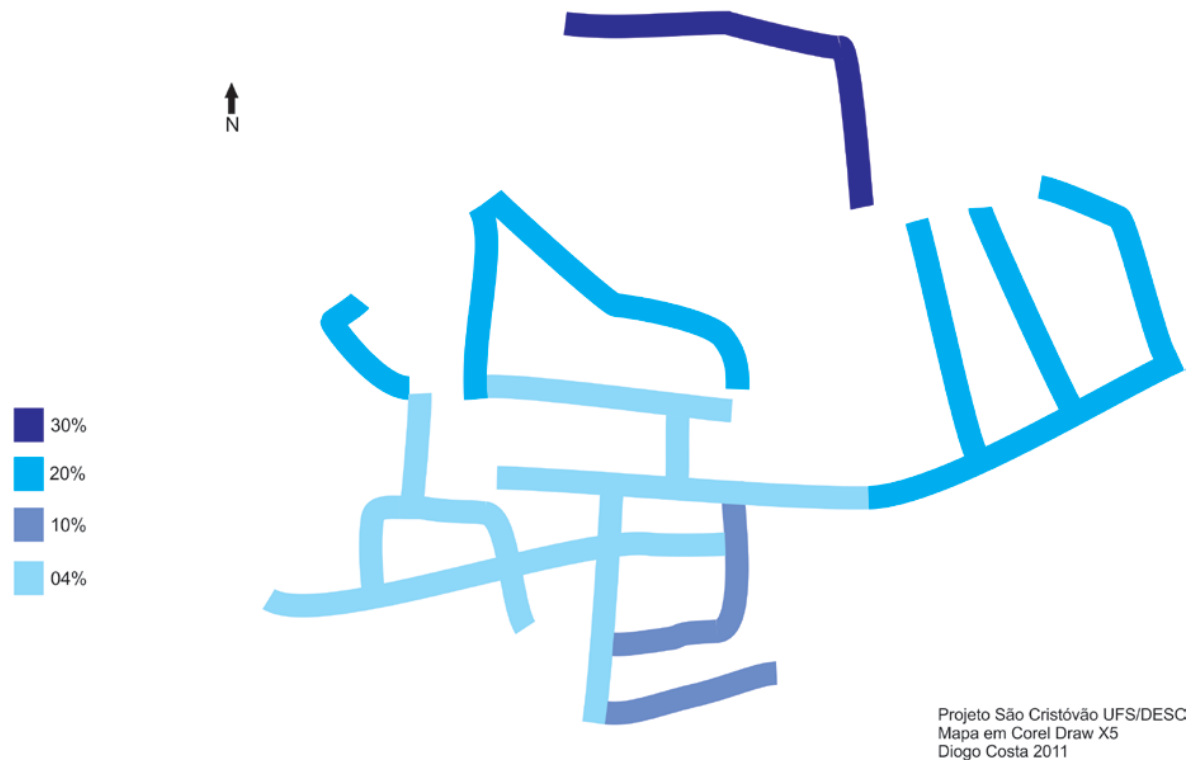
Concentração e Distribuição de Louça



Fonte: Diogo Costa, 2011.

Figura 67 – Concentração e distribuição de vidros.

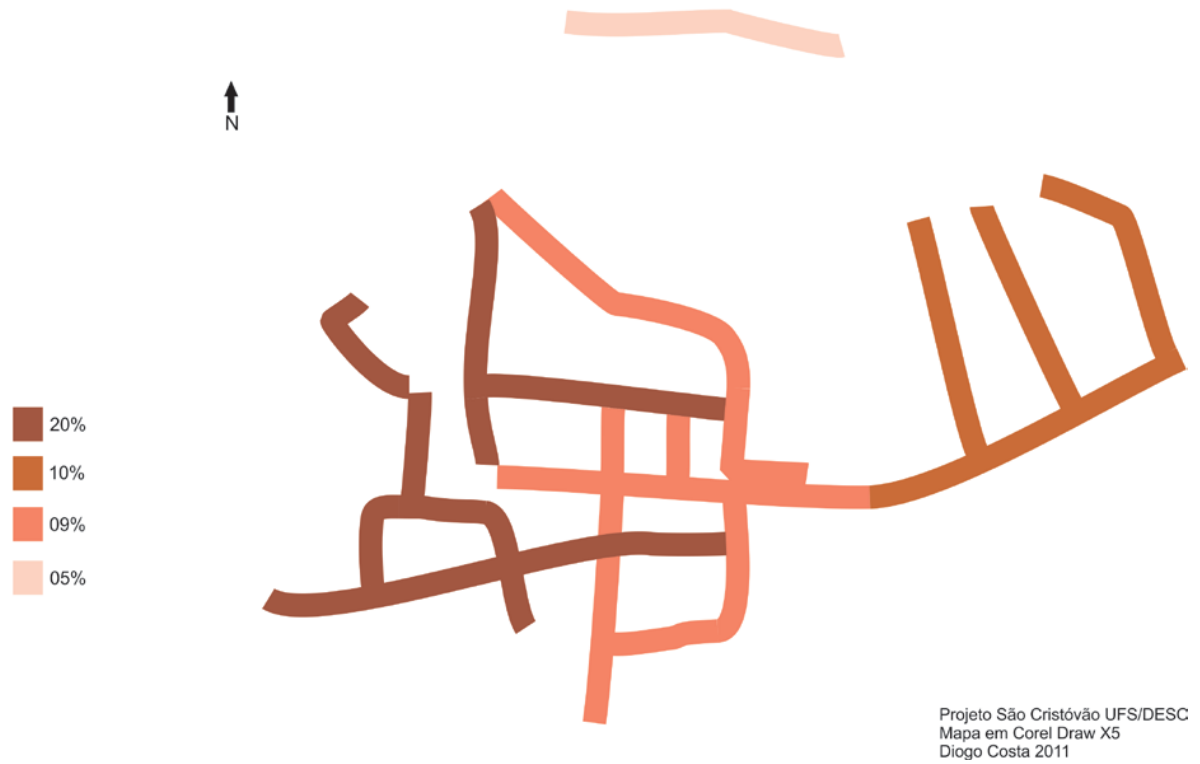
Concentração e Distribuição de Vidro



Fonte: Diogo Costa (2011).

Figura 68 – Concentração e distribuição de cerâmicas.

Concentração e Distribuição de Cerâmica



Fonte: Diogo Costa (2011).

Figura 69 – Concentração e distribuição de metais.

Concentração e Distribuição de Metal



Projeto São Cristóvão UFS/DESC
Mapa em Corel Draw X5
Diogo Costa 2011

Fonte: Diogo Costa (2011).

Figura 70 – Concentração e distribuição de ossos.

Concentração e Distribuição de Osso



Fonte: Diogo Costa (2011).

Rua por Rua, o estudo mostrava os traços e evidências de vários prédios significativos e de importância vital. Com isto, ficou efetivada a importância da localização de tais projetos com o acompanhamento e ajuda do IPHAN e órgãos locais, conseguindo com isto manter a sociedade a par de sua história, por fim vimos que a distribuição dos vestígios arqueológicos se manifestou por quase toda a cidade de São Cristóvão – SE, objeto de estudo realizado pela UFS-SE e pelo NAR-SE com o apoio do IPHAN.

4 CAPÍTULO 3 – DISCUSSÃO DA ARQUEOLOGIA URBANA REGIONAL – SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO.

A autora Fernanda Tocchetto (Fica dentro ou joga fora? Sobre práticas cotidianas na Porto Alegre moderna Oitocentista) se preocupa com a integração da população com o trabalho arqueológico realizado em áreas urbanas das cidades, pois são necessárias e importante a participação popular para o consentimento dos trabalhos e até a sua colaboração com os arqueólogos na efetivação dos trabalhos, pois, como moradores eles possuem informações destes locais.

Objetos que são encontrados ou até recuperados pelos habitantes sejam devolvidos aos arqueólogos, objetos estes que por muitas vezes não recebem importância devida por não serem resgatados por pessoas que sabem a sua importância e seu significado para a história (TOCHETTO, 2010).

A população tem e deve fazer parte dos projetos de escavações, para prestarem informações necessárias aos pesquisadores contando com esta interação, objetos que se encontram em poder da população possam ser devolvidos e fazer parte do projeto de achados mediante sua catalogação devida e com sua identificação conseguida (TOCHETTO, 2010).

A cidade a qual Fernanda Tocchetto se refere é Porto Alegre, local que já vem por uma década recebendo estudos arqueológicos com sítios e pesquisas efetivamente elaborados, também a colocação de locais específicos como: a Casa da Riachuelo (RS, JÁ-17), O Solar da Travessa Paraíso (RS, JÁ-03) o Solar Lopo Gonçalves (RS, JÁ-04) e a Chácara da Figueira (RS, JÁ-12).

Este tipo de trabalho se caracteriza como Arqueologia Urbana devido ao seu entorno periférico e rural, por isso a participação da população se faz importante com a aparição de objetos guardados em casa que por sua vez foram devolvidos aos pesquisadores, mesmo assim ainda devem existir muitos artefatos guardados em casa como decoração que contam a história ou parte dela.

A Arqueologia Urbana nas cidades se dá às vezes de maneira e até quase sempre sem perceber, pois, surgiu por causa de alguma obra a ser realizada em um determinado local para contribuir com o avanço e o crescimento estrutural das cidades, com isto eis que aparece construções antigas que não se suspeitava existirem no local (PEREIRA, “s.d.”).

Por exemplo, na construção de um metrô ou linhas subterrâneas de qualquer outro tipo de projeto nos deparamos com tais descobertas e a partir daí começam os trabalhos da Arqueologia Urbana, sendo que não são todos os locais que são dadas a devida importância a este tipo de achado, muitas vezes eles são desprezados, destruídos ou até mesmo ignorados para que não cause transtorno na obra que seguirá em frente (PEREIRA, “s.d.”).

Mas hoje com o crescimento desta ciência de estudos e com a criação de leis e órgãos que conseguem interferir para que tais fatos não aconteçam, permitindo assim a preservação de edificações e conservação de vestígios encontrados nestes solos, pois, a Arqueologia Urbana hoje é vista de forma integrada e conta com a realização do trabalho dos arqueólogos.

Segundo Souza 2014, a Arqueologia entrou em debate da questão urbana em 1970 quando se consolidavam a Antropologia e Sociologia Urbana em nosso país, a cidade surgia como foco de análise política. Em São Paulo tiveram início em 1940 com maior ênfase nos anos 70 definindo uma junção da Arqueologia com áreas urbanas, voltando sua preocupação com a urbanização e metrópoles com suas complicações e desafios.

Mas os desafios só aumentaram devido ser um problema de cunho social, pois, começava a mexer com a sociedade e seu habitat e suas construções absurdas sem qualquer preocupação com a história do local destruindo muitas vezes sítios arqueológicos sem conhecimento de sua existência, mas, a Arqueologia Urbana paulistana se firmou e conseguiu instituir a Arqueologia Preventiva para que pudessem ser feitos estudos até mesmo antes de construções em determinados locais (SOUZA, 2014).

Nos anos seguintes diversos arqueólogos começaram com trabalhos de pesquisa em várias áreas urbanas até com temas pré-coloniais, com isto houve uma maior abertura para futuros estudos de Arqueologia Urbana.

Consolidando desta maneira a atuação de empresas de consultoria arqueológica nas cidades principalmente na cidade de São Paulo, mas tendo que seguir e obedecer às normas e técnicas amparadas sempre pela presença de um arqueólogo para assim puderem ser feitos trabalhos sem causar prejuízos à história, prática que se proliferou por muitas outras regiões.

O IPHAN (Instituto do Patrimônio histórico e Artístico Nacional) presta um importante papel neste trabalho de Arqueologia na cidade de São Paulo, pois,

dispõe de relatórios e documentos de ajuda para o processo de Arqueologia Preventiva devido ao tamanho físico e populacional da cidade paulistana que não dispõe de uma cartografia para a realização de alguns tipos de trabalhos, dificultando assim sua execução, mas, que permitiu também a ação de estudos dos arqueólogos que se seguiram em outras localidades paulistanas (SOUZA, 2014).

Porém, como todo trabalho do arqueólogo é complicado, estressante e até às vezes invasivo, pois, mexe com a história social gerando assim algum desconforto em certos meios, mas são trabalhos sérios que devem coexistir com o meio e a população como um todo, por se tratar de um trabalho bonito e gratificante para quem o realiza.

No Museu Nacional da Universidade do Rio de Janeiro, o setor de Arqueologia vem tendo um papel importante na comunidade acadêmica e científica com termos nacionais e internacionais com um conjunto de pesquisas e estudos que combinam com várias linhas de trabalho.

Estes estudos com um bom desempenho e apoio institucional e financeiro de diversas agências nacionais e internacionais no desenvolvimento do conhecimento da pré-história brasileira e americana.

Com a instalação do LAU/MN {Laboratório de Arqueologia Urbana do Museu Nacional}, uma linha de pesquisas se estabelece um trabalho de desenvolvimento e conhecimento em relação à Arqueologia Urbana do Brasil, conseguindo com isto uma maior divulgação do trabalho do arqueólogo nesse aspecto urbano e o tornando visível a uma sociedade que ainda o desconhece por seu trabalho silencioso e até as vezes gerando confusão mediante sua forma de trabalho que muitos pensam serem somente através de escavações do solo e recuperação de objetos deixados por outras civilizações, com isto a finalidade do LAU seria de armazenar e divulgar tais informações colhidas através dos arqueólogos em relação as áreas urbanas estudadas (VOGEL; MELLO, 2015).

Contundo, não são somente no Brasil que existem poucos centros de desenvolvimento como o LAU, muitos outros países sofrem com esta prática a uma ciência que presta grande e representativo papel a sociedade para com a Arqueologia, às vezes até vista com maus olhos.

Porém o objetivo do LAU/MN é de demonstrar uma reabilitação de conhecimentos, abrangendo vários pontos de estudos que passaram por aqui antes

de nós, pontos como: modo de vida, formação social, sobrevivência, cultura, costumes e habitação (VOGEL; MELLO, 2015).

Com relativas visões e expondo estes e outros pontos de vista, o LAU/MN procura uma renovação e atualização do meio urbano para que se consiga um desenvolvimento evolutivo com certa dose de tolerância e respeito ao trabalho do arqueólogo e suas descobertas (VOGEL; MELLO, 2015).

Como vimos anteriormente, a localização do LAU/MN já é por si só uma prerrogativa de sucesso, pois, um local que vai permitir sua visita, armazenamento e infraestrutura estabelecida só podem progredir e se tornar mais uma conquista no campo arqueológico do Brasil e com contribuições de fora que dirá para o mundo.

No mundo quase em todos os lugares existem jardins e no Brasil não é diferente como veremos a seguir sobre o 1º jardim público do Brasil localizado no Rio de Janeiro, que por vez foi aberto para visita e vários tipos de eventos relacionados a natureza, especificamente a flora, passando com o tempo a se tornar área de preservação do patrimônio cultural (NAJJAR et al., 2007).

Algum tempo atrás, necessitou de uma restauração que contou com a participação do IPHAN e outros institutos relacionados a esta área, pois, devem ser algumas normas para a realização da restauração e o devido acompanhamento de pessoas qualificadas para esta finalidade.

Com isto seria mantido e preservado acervos e achados que denominaram as características do local para uma melhor identificação dos usuários do parque passeio jardim, contudo precisou de estudos arqueológicos para isto se tornar possível, mediante a data do seu projeto inicial de criação e manutenção, teriam que ser preservadas mesmo com todas as reformas que o espaço já passou (NAJJAR et al., 2007).

Possuindo um vasto potencial arqueológico e sendo tombado, o jardim não sofreu muitas alterações, além das que ocorreram ao longo de outras reformas, assim teve que ser estabelecidos critérios e pessoal especializado para este fim.

Foram recuperados vestígios importantes para a manutenção da história do local, desde sua construção e seu funcionamento com sua determinada finalidade, se tornar um espaço público para lazer de sua população e destacando sua flora da melhor maneira e aproveitamentos possíveis.

Com toda a reforma realizada no jardim, houve várias descobertas importantes na área da Arqueologia, referentes à sua construção, sua obra que remonta a construções seculares, sua geografia por ter sido construído sobre um aquário de água salgada seguindo-se de objetos e vestígios de vegetação, com isso o visitante será informado através de suas visitas aspectos importantes da construção do 1º passeio público criado no Brasil (NAJJAR et al., 2007).

Identificação de alguns achados com a reforma; Theatro-Cassino, Aquário de água salgada, Fonte dos Amores, Residência de Glaziou, Lago Frontal (FIGURAS 71 - 83).

Figura 71 – Vista do Passeio Público em 1929, já com a edificação do *Theatro-Cassino* e afastado da beira-mar.



Fonte: Ermakroff (2003).

Figura 72 – Panoramas do jardim do Passeio Público.



Fonte: Najjar et. al., (2007).

Figura 73– Panoramas do jardim do Passeio Público.



Fonte: Najjar et. al., (2007).

Figura 74 – Escavação do jardim, potencial arqueológico do sítio.



Fonte: Najjar et. al., (2007).

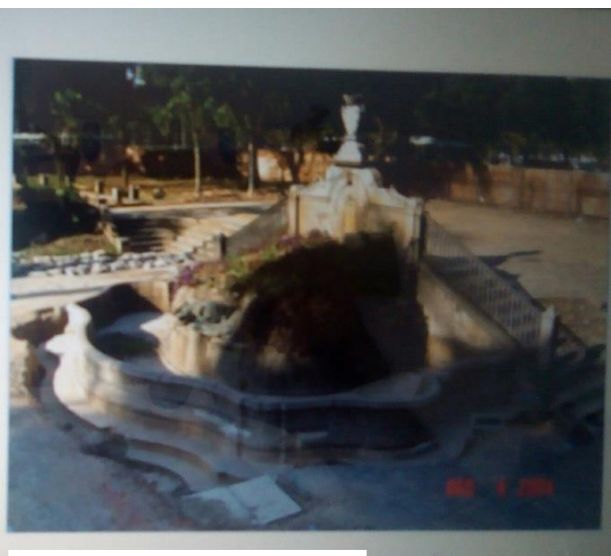
Legenda: 1: Theatro-Cassino - parcialmente escavado/vestígios registrados e recobertos; 2: Conjunto da Fonte dos Amores - escavado/vestígios em exposição; 3: Lagos das pirâmides - parcialmente escavado/vestígio registrado e recobertos; 4: Aquário e Quiosque (data 1854) – escavados/vestígios registrados e recobertos; 5: Quiosque(data 1929) - não foi escavado; 6: Quiosque (data 1854) - não foi escavado; 7: Café-Concerto e Mirante Rústico - não foi escavado; 8: Quiosque (data 1929) - não foi escavado; 9: Lago frontal - escavado/ vestígios registrados e recobertos; 10: Viveiro deFrei Leandro – não foi escavado; 11: Casa de Glaziou - parcialmente escavado/vestígios registrados e recobertos; 12: Chopp Berrante - não escavado

Figura 75 – Antes da reforma de Glaziou.



Fonte: Klumb (1860).

Figura 76 – Conjunto da Fonte dos Amores, durante as escavações.



Fonte: IPHAN (2004).

Figura 77: Vestígios do Aquário. Figura



Fonte: IPHAN (2004).

Figura 78 – Trabalho de escavação na área da Casa do Botânico.



Fonte: IPHAN (2004).

Figura 79 – Durante trabalhos de escavação do Lago Frontal que constava em planta e foto de 1862.



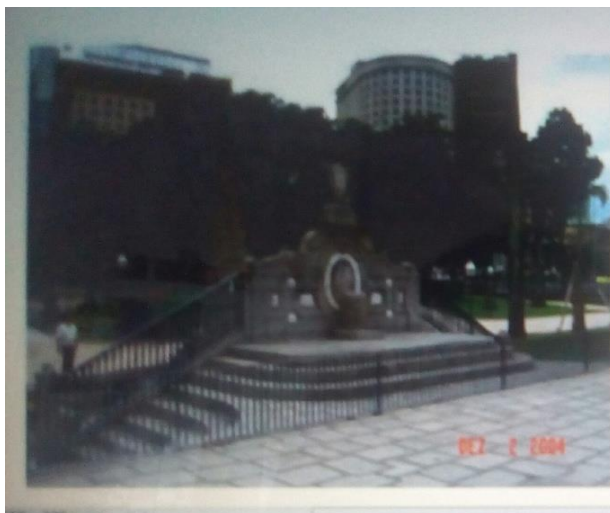
Fonte: IPHAN (2004)

Figura 80 – Vestígios da bacia do Lago Frontal.



Fonte: IPHAN (2004)

Figura 81 – Agenciamento e proteção dos Vestígios do conjunto da Fonte dos Amores.



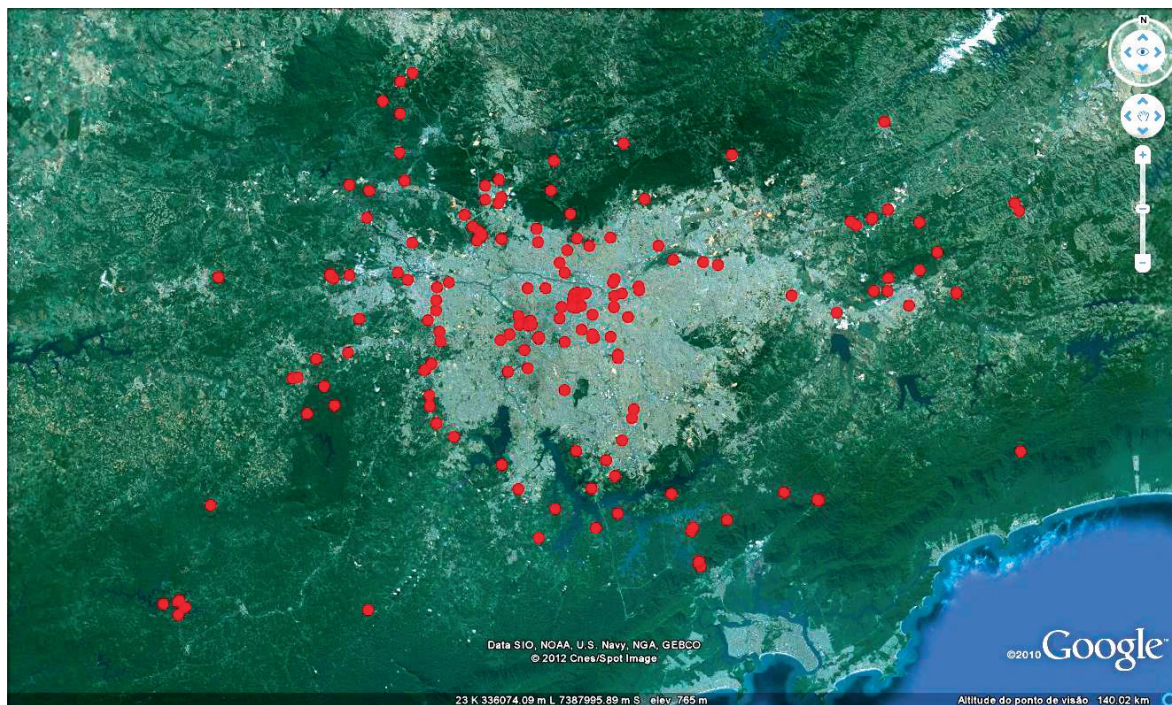
Fonte: IPHAN (2004).

Figura 82 – Marcação a parte encontrada do Theatro-Cassino.



Fonte: IPHAN (2004).

Figura 83 - Vestígios arqueológicos na região da grande São Paulo (1885-2012).



Fonte: Google Earth (2012).

Sempre que se fala em Arqueologia Urbana nos transportamos para seu nascimento na década de setenta, mas hoje se tornou bastante conhecida e até bem difundida em alguns meios com sua aplicação nas cidades atuais e colocando à disposição da sociedade uma ciência tão importante que predominam métodos de estudos complexos em subsolos de cidades históricas.

A valorização desses vestígios deu-se início na década de 60, com as transformações das cidades e suas construções sem planejamento vindo a destruir locais que possivelmente o homem habitou assim com o crescimento da Arqueologia Urbana providências foram tomadas para que isso fosse feito de maneira que não fossem perdidos ou destruídos esses vestígios (TELLER; WARNOTTE, 2003).

Os vestígios arqueológicos urbanos por si só se tornam complicados para serem estudados e pior ainda para serem preservados por se tratarem de edificações, mas ainda assim projeto de valorização dos vestígios arqueológicos vem sendo criados e conseguindo bons resultados transformando esses locais como espaço para visitação, parques, locais para estudos, etc.

A descoberta de vestígios arqueológicos nas cidades despertou e atraiu a população que apoiaram este segmento e contribuíram com esta prática para uma maior evolução destes valores que são de suma importância para a história da humanidade como um todo, causando com isto um contato mais próximo do arqueólogo, da Arqueologia como ciência que só traz benefícios a sociedade, mesmo que com isto venha a criar conflitos e gerar até como alguns v em um processo destrutivo, para que tais vestígios sejam conseguidos e virem a serem preservados.

Obras de acessibilidade referem-se a todas as ações que tenham como conservar, integrar, valorizar e explorar vestígios arqueológicos, como forma de tornar disponíveis os acessos para a população, por outro lado nem todos os locais arqueológicos são e podem ser abertas ao público, esta abordagem na exploração do patrimônio arqueológico das nossas cidades proporciona uma obra urbana reconciliadora do patrimônio e do desenvolvimento sustentável, mantendo sempre a conservação dos vestígios arqueológicos que são de grande importância para a sociedade (TELLER; WARNOTTE, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendendo que o conceito de Arqueologia Urbana se dá com a investigação de locais urbanos dentro das cidades conseguindo com isso saber mais sobre nosso passado através de trabalhos de campo, mas existe a preocupação de não se poder simplesmente escavar em qualquer lugar, deve-se observar os locais próprios e disponíveis para iniciar um projeto devido ao aspecto do terreno e suas construções atuais.

É dever do arqueólogo acompanhar de perto as escavações para que o andamento do processo corra dentro do previsto verificando como estão sendo feitas as escavações, a coleta e catalogação dos artefatos encontrados e sua acomodação, por se tratar de uma área urbana tem-se um cuidado a mais por ser também habitada.

Apesar de ser um trabalho muito complicado não pode deixar de ser feito devido a sua grande importância para a sociedade como um todo, para não deixar que memórias se percam e que estes estudos e trabalhos tenham um propósito.

Observamos então o valor cultural do patrimônio arqueológico urbano sendo reconhecidos e valorizados, apesar das dificuldades os arqueólogos urbanos contribuem para a urbanização das cidades com aspectos relacionados a saneamento, transporte, habitação e etc.

Também cresceu a valorização dos vestígios arqueológicos urbanos por terem um valor científico, pois, é sua fonte de informação para a construção da história e permitindo a sociedade uma intervenção com as escavações nos sítios arqueológicos através de visitas guiadas e monitoradas.

Para que com isto, a sociedade entenda que é de uma real importância para um trabalho difícil e complicado, mas que só traz benefícios e conhecimento do nosso passado.

Este trabalho que se realiza nas áreas urbanas das cidades é de tamanha importância para o levantamento de dados de como viviam nossos antepassados contando também com documentos de indicações, utensílios e o mais importante suas construções.

Aspectos culturais e sociais também são apresentados e dispostos através da Arqueologia Urbana com métodos de trabalho que vão da escavação a coleta e seleção dos artefatos encontrados, trazendo uma boa contribuição ao nosso

tempo, mas, também temos que levar em conta as exigências que requerem de uma escavação por se tratar de áreas residenciais ou aglomerados urbanos.

A Arqueologia Urbana é parte importante da Arqueologia, pois, produz uma gama de conhecimentos e descobertas com detalhe e cuidado com a preservação da história no contexto social, histórico e político da sociedade, então o que vejo é um estudo sistemático de uma determinada região que através de informações antes coletadas foi local utilizado por nossos antecessores e mediante a esta localização inicia-se um processo de escavação e demarcação dos locais onde existiram construções que denominaram serem usadas por humanos para várias finalidades como: moradias, igrejas, conventos, hospitais, presídios e diversos outros fins.

Concluo que o papel da Arqueologia Urbana como um todo só tem a contribuir com a história para a demonstração do que seria a vida nas cidades em tempos anteriores ou a cultura material de uma cidade.

Por fim a Arqueologia Urbana passa a ser cada vez mais entendida não só como a Arqueologia na cidade como a Arqueologia da cidade (MARTINS; RIBEIRO, 2009-2010, p. 150).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU e SOUZA, Rafael de. **Arqueologia na Metrópole Paulista**. Habitus, Goiânia, v. 12 n. 1, p. 23-44, Jan/Jun 2014.

ALLEN, Joseph, S. MORAES, Aguiar, F. LEITE Neto, W. PINTO, Karina Lima de M. **Arqueologia da Casa de Aposentadoria, Penedo, Alagoas**. 2008.

BRAZ E SILVA, Ângela Martins Napoleão. **Planejamento e fundação da primeira cidade no Brasil Império**. Cadernos do PROARQ Rio de Janeiro. UFRJ, FAU, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, n. 18, p. 216-236, jul., 2012.

COMERLATO, F. **O Patrimônio Cemiterial do município de Cachoeira, Recôncavo da Bahia**. 2012.

COSTA, Diogo, M. **Um Estudo de Arqueologia Urbana em São Cristóvão – SE**. 2014.

DOMÍNGUEZ, Lourdes. FUNARI, Pedro, P. La Arqueología Urbana en América Latina. El caso de Habana Vieja, ciudad arqueológica. Estudios Ibero – Americanos, 28, 2, 2002, 113 - 124, ISSN, 0101- 404. **La Arqueología Urbana em Latinoamérica**.

FERREIRA, Aurélio, Buarque de Holanda. **Mini aurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. Edi. 4, Rev. Ampliada – Rio de Janeiro, 2001.

FUNARI, Pedro P. **Arqueologia**. 2 Ed. 1 reimpressão – São Paulo. Contextos. 2010.

FUNARI, Pedro P. **A Arqueologia Histórica em uma Perspectiva Mundial**. In Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul, Cultura Material, Discursos e Práticas. Andrés Zaranki e María Ximena Senadores (org), Buenos Aires, Edicionesdel Tridente, 2002, 107-116.

FUNARI, Pedro P. POLONI, Rita Juliana Soares. **Arqueologia Urbana: trajetória e perspectivas**. Publicado em Revista do Arquivo Municipal, Arquivo Histórico de São Paulo, ano 80, 2014, volume 205, 137 – 154.

HAWKES, C. **British prehistory half-way through the century. Proceedings of the Prehistoric Society**. 1951. 17. 1-9.

IGLESIAS, Diego. **Casa da Cultura: de “Casa do Barão” a Centro Multicultural**. Revista Presença. Teresina. Ano XXV, n. 45. P. 44-46, 2010.

LIMA, Tânia, Andrade. **Arqueologia Histórica no Brasil: Balanço Bibliográfico (1960 – 1991)**. Anais do Museu Paulista Nova Série N 1 1993.

MADEIRA, Sérgio. **A Arqueologia Urbana, subsídios para a sua compreensão**. 1 – 17.

MARTINS, M., RIBEIRO, M. (2010) – **“A arqueologia urbana e a defesa do patrimônio das cidades”**, Fórum, 44-45 (2009-2010), Conselho Cultural da Universidade do Minho, Braga, pp. 149-178.

MEDEIROS, Lucena, Arilene de. **Memória e Patrimônio: Um Estudo no Centro Histórico de Natal**. VII Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação, CONNEPI Palmas – Tocantins 2012, 19 a 21 de Outubro- Ciência, Tecnologia e Inovação: ações sustentáveis para o desenvolvimento regional ISBN 978–85-62830-10-5.

MENELEU, Vera. SIMIS, Tereza. OLIVEIRA, Cláudia. MARTIN, Gabriela. PESSIS, Anne – Marie. **As técnicas construtivas e a expansão do Bairro do Recife Antigo nos séculos XVI a XIX**.

NAJJAR, Rosana. **Manual de Arqueologia Histórica**. Ed. 1. Ano 2005. P. 84.

NAJJAR, Rosana, MACEDO, Jackeline de, STANCHI, Roberto, Pontes, ANDRADE, Inês El-Jaick, SAMPAIO, Ana Cristina, MARTINS, Christiane, PEREIRA, Wagner, Júlia, MARQUES, Felipe, Júlio, SARMENTO, César, Paulo, FONSECA, Thalita, CÂMARA, Jamile. **A Arqueologia de um jardim: Pesquisa Arqueológica do Passeio Público do Rio de Janeiro – RJ**. Habitus. Goiânia, v. 5 n. 2, p. 455-479, Jul/Dez 2007.

NASCIMENTO, José C. **Intervenções Preservacionistas em Icó, CE- Redenção do Sertão?** Fórum Patrimônio: amb. Constr. e patr. sust. Belo Horizonte, v.1, n.1, Set/Dez 2007.

ORSER, Charles, E. **Introdução à Arqueologia Histórica**. Tradução e Apresentação Pedro Paulo Abreu FUNARI. Belo Horizonte. 1992. Oficina de Livros.

ORSER, Charles, E. FUNARI, Pedro, P. **Arqueologia da Resistência Escrava**. In: Cadernos do LEPAARQ, Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio. V. 1, N.2, P. 11-25. 2004.

PEREIRA, Paulo. **Arqueologia na Grande Cidade**. Projecto Portos Antigos do Mediterrâneo. Acção piloto de Portugal/Espanha/Marrocos sobre Ordenamento do território e Patrimônio Cultural. Artigo 10 FEDER.

PESSIS, Anne - Marie. MARTIN, Gabriela. OLIVEIRA, Claudia A. de. MEDEIROS, Elizabeth. **Intervenção Arqueológica na igreja São Frei Pedro Gonçalves em João Pessoa – PB**. 2003.

PFLUEGER, Soares, G. de tapuitapera Ávilla de Alcântara estudo sobre a formação da cidade de Alcântara no maranhão. 2012.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Editora da Universidade de Brasília. 1990. (Síntese da Arqueologia Brasileira: trata especialmente da pré-história, mais inclui um capítulo da Arqueologia Histórica: numerosos mapas e ilustrações).

SALADINO, Alejandra. Pereira, Rodrigo. **Arqueologia Histórica**. In: Grieco, Bettina. TEIXEIRA, Luciano. THOMPSON, Analúcia. (orgs.). Dicionário IPHAN do Patrimônio Cultural. Ed. 2. Rio de Janeiro, Brasília. IPHAN/DAF. Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4.

SALADINO, Alejandra; PEREIRA, Rodrigo. IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Arqueologia Histórica**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/63/arqueologia-historica>>. Acesso em: 22 set. 2018

SANTOS, Fabrícia de Oliveira. **Da Sala à Cidade: Aulas de Arqueologia Histórica no Centro de Teresina**. Iluminuras, Porto Alegre, v.16, n. 37 p. 355 – 371 Jan/Jun 2015.

SYMANSKI, C. Luís. **Arqueologia Histórica no Brasil: uma revisão dos últimos vinte anos**. In: Cenários Regionais de uma Arqueologia Plural. Organizadores: Walter Fagundes Morales e Flavia Prado Moi. Editora: Annablume/acervo. Ano: 2009.

STASKI, Edward, **Advances in Urban Archaeology**, IN: SCHIFFER, Michael B. (Ed.) *Advances in Archaeological Method and Theory*, New York/London, Academic Press, 1982, p. 97-149. Disponível em: <www.arqueologiaepré-histora.com.br>. Acesso em: 19 set. 2018

TELLER, Jacques, WARNOTTE, Anne. **A Valorização dos Vestígios Arqueológicos num Contexto Urbano**. APPEAR Position Paper (1) – November 2003. Tradução por Antônio de Borja Araújo, Engenheiro Civil, I.S.T.

TOCCHETTO, Fernanda Bordin. **Fica dentro ou joga fora?** Sobre práticas cotidianas na Porto Alegre moderna Oitocentista. São Leopoldo. Editora Oikos. 2010.

VEIGA, Felipe B. Mello, Marco Antônio da Silva. **Além das ruínas: a Arqueologia Urbana como nodo de reconhecer e fazer conhecer a cidade**. Anexo: Laboratório de Arqueologia Urbana: LAU/MN. Projeto de Instalação – Rio 1982, Arno Vogel e Marco Antônio da Silva. 2015.